

A REVISTA
DA FAMÍLIA
SALESIANA

543

MARÇO/
ABRIL
2014

BOLETIM **SALESIANO**

**Maria
Rosário
Carneiro**

**“Um filho é
um sítio único,
uma aventura
uma dádiva”**

SUMÁRIO

543

MARÇO/
ABRIL
2014



8 ENTREVISTA

Maria do Rosário Carneiro:

“Educar é um ato difícil, inacabado, e sempre imperfeito”

Maria do Rosário Lopes Amaro da Costa Luz Carneiro, licenciada em Ciências Sociais e Políticas, professora universitária e mãe de nove filhos, em entrevista.



22 OPINIÃO
As praxes académicas, o eu e a liberdade
Isilda Pegado



38 FUTUROS
Depressa chega a primavera
António Santos
Joaquim



38 A FECHAR
Caras & corações
Simão Cruz

O Boletim Salesiano foi fundado por Dom Bosco a 6 de fevereiro de 1877. Hoje são publicadas em todo o mundo 51 edições em diversas línguas, com tiragem anual estimada em mais de 8,5 milhões de exemplares no total.

Acordo Ortográfico: Os artigos publicados respeitam o novo Acordo Ortográfico

3 EDITORIAL
4 REITOR-MOR/OLHARES
6 IGREJA/DESCORTINAR
16 EM FOCO

FICHA TÉCNICA
n.º 543 - março/abril 2014
Revista da Família Salesiana
Publicação Bimestral
Registo na DGCS n.º 100311
Depósito Legal 810/94
Empresa Editorial n.º 202574
Diretor: Joaquim Antunes
Conselho de Redação: Ana Carvalho, Basílio Gonçalves, João de Brito Carvalho, Joaquim Antunes, Pedrosa Ferreira, Raquel Fragata, Simão Cruz
Administrador: Orlando Camacho

18 COMO DOM BOSCO
20 DA VIDA DE D. BOSCO
24 ECONOMIA
26 ATUALIDADE

Propriedade e edição:
Provincia Portuguesa da Sociedade Salesiana, Corporação Missionária
Direção e Administração:
Rua Saraiva de Carvalho, 275, 1399-020 Lisboa
Tel.: 21 090 06 00, Fax: 21 396 64 72
boletim.salesiano@salesianos.pt
www.salesianos.pt
Distribuição gratuita
Contribuição mínima anual de benfeitor: 10 euros
NIB: 0035 0201 0002 6364 4314 3
IBAN: PT50+NIB, Swift Code CGDIPTPL

30 PASTORAL JUVENIL
32 FAMÍLIA SALESIANA
35 MUNDO SALESIANO
39 VOCACIONAL

Membro da Associação de Imprensa de Inspiração Cristã
Colaboradores: Ana Carvalho, António Santos Joaquim, Artur Pereira, Basílio Gonçalves, Bruno Ferrero, Celso Seabra, David Kraner, Isilda Pegado, Jerónimo Rocha Monteiro, João Chaves, João Ramalho, Joaquim Antunes, José d'Encarnação, Juan Freitas, Luciano Miguel, Manuel Pinhal, Michael Fernandes, Nuno Quaresma, Orlando Camacho, Pascoal Chávez, Simão Cruz
Execução gráfica: Involgar Graphic
Tiragem: 10.700 exemplares



Editorial



JOAQUIM
ANTUNES
DIRETOR

Manhã luminosa

Taveira da Fonseca, em *Getsémani... e Jesus suou sangue!*, exprime o grito da humanidade, no Jardim das Oliveiras: “O silêncio do Pai era já a morte antecipada. Quem era Ele, Jesus, entregue à sua sorte? Pai, Pai, gritou, diz-me alguma coisa. É esta a tua vontade? Porque te escondes? Que mal te fiz para me abandonares, para me deixares só? Afasta esta taça a transbordar com o fel amargo da dor. Pai...”.

Este é o lamento pungente de alguém que se sente totalmente despojado e esquecido por quem mais ama. “Que mal te fiz para me abandonares, para me deixares só?” E ao silêncio do Pai juntavam-se o sono dos amigos e a negação dos mais próximos. Só os archotes do traidor iluminavam aquela noite de trevas.

A agonia de Jesus, sublime gesto de amor, momento decisivo da salvação da humanidade, rasga o coração de crentes e descrentes, de dóceis e empedernidos, de almas humildes e altivas, atingindo a todos.

O madeiro do suplício esperava-O. A morte de cruz era para os mais desprezíveis. Ali, entre o céu e a terra, iria morrer. Mas sempre confiou no amor indestrutível de Deus e no choro silencioso dos que n'Ele acreditavam. E mesmo os que O rejeitaram foram incluídos no seu amor redentor: *Pai, perdoai-Ihes porque não sabem o que fazem.*

Numa manhã luminosa o Céu respondeu: *Porque procurais entre os mortos Aquele que está vivo? Não está aqui; ressuscitou! (Lc 24, 5-6).*

Santa Páscoa! •

Maria, a mãe

de todos os dias



PASCOAL CHÁVEZ
REITOR-MOR
DOS SALESIANOS
DE DOM BOSCO

Desde criança, Dom Bosco viveu o clima religioso e devocional mariano do seu tempo. “Na minha família, Maria era de casa”. “Maria estava sempre a meu lado”.

Guardo uma belíssima e delicada recordação da minha infância. O sonho dos meus nove anos. Vi um grupo de jovens a brincar; de repente, porém, a brincadeira degenerou em luta furiosa: havia murros, pontapés, palavrões e, infelizmente, também blasfêmias. Comecei logo à pancada neles. De repente, um *Senhor* majestoso interrompeu-me, indicando-me uma maneira bem diferente de os corrigir. E apareceu uma *Senhora* maravilhosa, afetuosa e bela: fez-me sinal para me aproximar. Como eu estava confuso com a rápida sequência de cenas, tomou-me pela mão. O gesto de delicada bondade materna conquistou-me para sempre. Com toda a sinceridade, posso dizer-te que nunca mais larguei aquela mão; ou melhor, sempre a apertei bem, até o fim...

Quando vieste ao mundo...

Desde criança, senti-me envolvido no clima religioso e devocional mariano do meu tempo. Na minha família, Maria era de casa. Houve um bom salesiano que escreveu a meu respeito: “Maria estava sempre a seu lado”. Gostei de ler esta afirmação porque era assim mesmo. Todas as noites se rezava o terço em família. A oração do *Angelus* marcava pontualmente o nosso dia, às seis da manhã, ao meio-dia e às seis

da tarde. Aprendi de minha mãe a venerar e festejar Nossa Senhora através das devoções populares dos lugares onde vivi: a Virgem do Rosário, Nossa Senhora do Castelo, a Virgem da Escada, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Consolação. Muitas formas de lhe dar a mão...

Recordo ainda a última noite na véspera da minha entrada para o seminário de Chieri. Minha Mãe escolheu aquele momento para uma importante revelação, um segredo entre mãe e filho: “*Meu querido João, quando nasceste, consagrei-te a Nossa Senhora; quando iniciaste os estudos, recomendei-te a devoção à nossa Mãe. E agora recomendo-te que sejas todo d’Ela*”. “Consagrei-te”, queria dizer: entreguei-te a Maria, ofereci-te a Ela, és d’Ela! Um ato de entrega confiante à Mãe que tudo pode. “*Muito esperamos de quem muito pode*”: eu repetia aos outros aquilo que muitas vezes ouvira de minha Mãe. Assim, quando me dediquei a andar com os jovens, transmitia-lhes o mesmo estilo de devoção: não como uma roupa de festa, que se usa apenas aos domingos, mas como encontro quotidiano, familiar, habitual com Maria, a mãe de todos os dias!

Insistia em apresentar Maria como a Imaculada. Havia muitos motivos históricos para isso, como

a definição dogmática (1854) e, depois, quase como confirmação, as aparições de Lourdes (1858). Eram datas importantes. Na minha pequena experiência, não podia esquecer aquele 8 de dezembro de 1841, quando acontecera o providencial encontro com Bartolomeu Garelli. Quarenta e cinco anos depois, ao tomar o comboio de Espanha para Turim, recordava aquele encontro com comoção e gratidão: “*Todas as bênçãos que o céu derramou sobre nós são fruto daquela primeira Ave-Maria rezada com fervor e com reta intenção*”.

Imaculada e Auxiliadora: foi Ela quem tudo fez

Em Valdocco, em 1854, tive a dita de poder contar com Domingos Sávio, aquele rapaz admirável que se propusera o ideal de ser “*um belo fato para Nosso Senhor*”. Com ele, outros jovens (quase todos eles futuros salesianos!) faziam parte da Companhia da Imaculada tornando-se precioso fermento de bem na massa dos jovens do Oratório. No seu Regulamento, propunham-se “*superar qualquer obstáculo, ser tenazes nas resoluções, exigentes consigo mesmos, amáveis com o próximo e exatos em tudo*”. Graças a eles, nascia um novo caminho de santidade juvenil.



Com o passar dos anos, percebendo que a fé estava a diminuir, mesmo entre o povo simples, sentia que era cada vez mais urgente difundir a devoção a Nossa Senhora com o título de Auxiliadora, aquela que nos toma pela mão, que nos ajuda, que nunca nos perde de vista, que nos mantém unidos à Igreja. Não fui eu que inventei a devoção à Auxiliadora; fui seu incansável e convicto divulgador, isso sim. Explicava aos meus primeiros salesianos: *“Já não se ataca apenas os tibios, os pecadores, os inocentes, é antes a Igreja católica que está a ser atacada”*.

Recordo ainda, com emoção, a manhã em que dei início às obras do belo santuário dedicado a Maria Auxiliadora. De forma algo teatral, esvaziei nas mãos do mestre-de-obras o meu pobre porta-moedas: apenas oito míseras moedinhas de cobre; era a primeira antecipação pela obra. Mas tinha no coração uma certeza: *“Pus toda a minha confiança em Maria”*. Na mesma manhã, as cartas que eu tinha escrito na noite anterior ainda estavam em cima da minha mesa; não tínhamos dinheiro em casa nem sequer para

os selos! Nossa Senhora haveria de ser a minha “contabilista”. E revelou-se uma contabilista muito eficiente! Quando consegui terminar a construção, podia dizer aos fiéis que ali acorriam: *“Veem esta igreja? Foi Maria que a construiu, à força dos milagres”*.

Agora e na hora da nossa morte

Os estudiosos salesianos que com grande amor e rigorosa exatidão escreveram tantas coisas a meu respeito, perceberam que nas últimas orações no meu leito de agonia, não é a habitual invocação *Maria Auxiliadora* que brota dos meus lábios, mas a súplica: *“Mãe, Maria Santíssima, Maria, Maria”*. Esquecimento meu? Não! Uma explicação existe.

No fim da vida, nos últimos estertores da agonia, finalmente *comprendera tudo*. Queria morrer justamente como a criança do sonho dos nove anos. Com Nossa Senhora a tomar-me bondosamente pela mão, enquanto eu sussurrava: *“Oh Mãe... Mãe... abri-me as portas do paraíso”*. •

Olhares



ARTUR PEREIRA
PROVINCIAL

Pai, como Dom Bosco

Chegou a hora do render da guarda... Depois de doze anos de reitorado, o nono sucessor de Dom Bosco está a concluir o seu serviço de animação e governo da Congregação Salesiana. Nesta ocasião enchem-se os corações de grande expectativa e esperança. Sopram ventos de mudança. Dom Bosco continua vivo.

Durante o seu mandato o padre Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor, entusiasmou com a sua proximidade, simplicidade e simpatia, demonstrou grande inteligência com belos escritos, nomeadamente as suas cartas, sobre temas fundamentais que alimentaram e formaram os irmãos, liderou de forma dinâmica o movimento de revitalização da Congregação, apontando para a santidade como “via que conduz ao Amor”.

Estamos certos que Dom Bosco vai continuar a estar presente entre os jovens. A nossa Congregação é obra de Deus, é querida pelo Espírito Santo, tem uma Espiritualidade, Jesus continua a amar as crianças e os jovens, porção da sociedade predileta ao coração de Dom Bosco. Hoje, “Dom Bosco” são todos os Salesianos que trabalham, sofrem, lutam e se sacrificam pelos jovens na educação, na evangelização e na busca da felicidade para os mais pobres, como Dom Bosco no seu tempo.

O padre Pascual foi outro Dom Bosco, fez da sua vida uma oferta agradável a Deus. Assumindo oportunamente a sua cruz com amor, soube propor e orientar a Congregação pelos caminhos da identidade carismática e da paixão apostólica. Por isso, um agradecimento de coração se impõe, a quem soube ser para a Família Salesiana, como Dom Bosco, pai, mestre, guia e amigo. •

Carta da Conferência Episcopal

A propósito da ideologia do género

JOSÉ ROGÉRIO ALMEIDA

Datada de 14 de novembro de 2013, a Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa aprovou uma Carta Pastoral em que expõe e critica a ideologia do género.

Num conjunto de afirmações/negações, vamos apresentar uma síntese temática que inclua, implicitamente, o conteúdo, os pressupostos, as consequências e a superação duma tal ideologia.

Trata-se duma “revolução antropológica”, dum “movimento cultural”, com reflexos na família, na política, na legislação, no ensino e, até, na linguagem corrente.

Rejeita os “dados biológicos” e fixa-se na “dimensão cultural; ser masculino ou feminino é uma “construção mental”, “interessada” e “artificial”; não aceita dados normativos da natureza a respeito da sexualidade; nega que a diferença sexual seja “identificativa” da pessoa; dissocia a sexualidade da procriação; a família assente na união entre homem e mulher deixa de ser o modelo de referência e passa a ser um entre vários; parte da distinção entre sexo e género e da oposição entre natureza e cultura. Ser homem ou mulher não é um dado biológico, mas cultural; o género deve sobrepor-se à natureza; defende a irrelevância da diferença sexual na construção da identidade, nas relações interpessoais, nas uniões conjugais e na constituição da família, e a equiparação entre uniões heterossexuais e homossexuais; fala em género em vez de sexo, em igualdade de género em vez de igualdade entre homem e mulher, em famílias em vez de família, em parentalidade em vez de paternidade e maternidade.

É uma “revolução antropológica” que conduz ao subjetivismo relativista e à recusa duma moral objetiva; rejeita a unidade da pessoa, espiritual e corporal, e o corpo é considerado como algo extrínseco, disponível e manipulável; contradiz a natureza como dado a acolher e respeitar.

Esta ideologia deve ser superada a partir dos seguintes pressupostos: não há lugar para dualismos (desprezo do corpo em nome do espírito ou vice-versa); a pessoa humana é espírito encarnado e, por isso, sexuado; a corporalidade é uma dimensão constitutiva da pessoa, não um seu acessório; a pessoa é um corpo, não tem um corpo; a pessoa humana não é só natureza, mas também cultura, e a lei natural não se confunde com a lei biológica, mas os dados biológicos objetivos contêm um sentido e apontam para um desígnio da criação que a inteligência pode descobrir como algo que a antecede e que não pode manipular arbitrariamente; a cultura vai para além da natureza, mas não se lhe deve opor, como se dela tivesse que se libertar; o homem e a mulher são chamados à comunhão e esta comunhão constrói-se também a partir da diferenciação sexual; o “masculino” e o “feminino” devem ser vistos numa relação de complementaridade.

A ideologia do género penetrou entre nós no plano político, legislativo e educativo. No que diz respeito à educação, a Carta Pastoral recorda o art.º 26, n.º 3, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que defende a prioridade do direito dos pais para escolherem o género de educação para os seus filhos, e o art.º 43, n.º 3, da Constituição Portuguesa, que estabelece que “o Estado não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas.

As alterações legislativas não são irreversíveis e os Bispos convidam os legisladores e cidadãos que têm uma visão diferente a fazer o que está ao seu alcance para as revogar. •



Descortinar



LUCIANO
MIGUEL
HISTORIADOR

Ele os criou homem e mulher...

Lemos na Bíblia: “Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus. Ele os criou homem e mulher. Deus abençoou-os e disse-lhes: “Crescei e multiplicai-vos” (Gn 2, 27-28). “Por isso, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher; e os dois serão uma só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu” (Mc 10,7-9). Vem isto a propósito duma conversa num grupo em que a Joana dizia: “Para mim, o dia mais feliz da minha vida, foi o dia do meu casamento!” E explicava: “Porque me casava com o homem a quem amava e sentia que Deus estava ali connosco para nos abençoar. Foi uma vivência que continuou e continua a dar sentido à nossa vida ao longo destes dezanove anos”. Descobrir a beleza do matrimónio e testemunhá-la assim, nestes tempos em que muita gente o vê como uma “prisão”, é descobri-lo como vocação de amor. Um amor que é abençoado pelo sacramento que “o envolve com a graça de Deus e o enraíza no próprio Deus. Com este dom, com a certeza deste chamamento, é possível partir seguros, não se tem medo de nada, pode-se enfrentar tudo, juntos” - diz o Papa Francisco aos casais novos. Que haverá tensões, dificuldades, provações, modos diferentes de pensar, zangas mesmo? Mas aí entra o amor chamado *perdão*. Se não houver capacidade mútua de *pedir desculpa*, não há matrimónio que se aguente. “Briguem quanto queiram mas nunca terminem o dia sem fazer as pazes” - insiste o Papa. Vivido no amor, o matrimónio é um caminho conjunto de santificação para o marido e para a esposa, como diz Charles Péguy: “Não podemos encontrar-nos com Deus estando separados um do outro. Que diria Deus se chegássemos até Ele um sem o outro”? •



MARIA DO ROSÁRIO CARNEIRO

**“Um filho é um
sítio único, é
uma possibilidade
única. É uma
aventura, é uma
dádiva”**

ENTREVISTA: J. ANTUNES
FOTOGRAFIAS: JOÃO RAMALHO

A Dr.^a Maria do Rosário Carneiro chegou ofegante, quase sem tempo..., à sede da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, onde decorreu a entrevista.

São assim as mães com casa cheia: pouco tempo para si, todo o tempo para os outros.

Por isso, ao falar da família, disse: «A família permite realizar claramente a gratuidade, a necessidade que nós temos de praticar ações sem retorno, unicamente porque faz parte da nossa essência humana».

A entrevista que nos concedeu é um hino de louvor a Deus, à gratuidade da vida e ao encanto do amor materno.

Maria do Rosário Lopes Amaro da Costa Luz Carneiro, licenciada em Ciências Sociais e Políticas, é professora universitária e mãe de nove filhos. É vice-presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz

A Dr.ª Rosário Carneiro entrou na Assembleia da República em 1995. Bateu-se pelas suas ideias, apesar de fazer parte de uma maioria favorável à despenalização do aborto. Sendo mãe de uma família numerosa e tendo-se manifestado sempre contra, como foram vividos esses dias?

Não foi fácil. Devo dizer que, quando aceitei fazer parte das listas do Partido Socialista, a questão da despenalização do aborto não fazia parte do programa do partido. Fui convidada pelo Sr. Eng.º António Guterres e aceitei porque entendi que tinha sentido. Não estava de acordo com o que se pensava no País e, lendo o programa do partido socialista, parecia-me que havia uma margem razoável para poder contribuir com o que eram os meus conhecimentos e os meus princípios éticos de intervenção na sociedade, à luz da Doutrina Social da Igreja. Depois a maioria, na altura, decidiu avançar com propostas, nomeadamente a juventude socialista, da despenalização do aborto, e desempenhei o papel que en-

“

Educar é um ato difícilimo, inacabado, e sempre imperfeito.

”

tendi que tinha que desempenhar, que era o de claramente defender a não despenalização do aborto. É evidente que foram tempos muito acesos e conturbados.

Na primeira intervenção que fez afirmou que não julgava as mulheres que recorrem à prática da Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG). Quer explicar o que quis dizer com isso?

O juízo moral que faço de um ato não tem a ver com o juízo que faço dessa pessoa. Não tenho capacidade para julgar as pessoas. A capacidade que me é pedida é a de julgar atos, daquilo que têm na sua ex-

pressão pública, do ponto de vista ético e dos seus impactos. E, nesse sentido, recuso o ato mas não posso julgar quem o praticou.

Uma das frases mais ouvidas é que a mulher tem direito a dispor do seu corpo. Quer comentar?

Penso que ninguém tem a liberdade de dispor de nada, no sentido de “posso fazer o que muito bem me apetece”. É uma interpretação desviada da liberdade. A liberdade é a capacidade de nós podermos optar, dentro dos limites daquilo que é a nossa humanidade, e a nossa humanidade é determinada também pela ética.

Falando do direito à vida - o assunto está também na ordem do dia -, é importante perceber se a eutanásia, em “casos de doenças terminais”, é ou não um direito da pessoa?

Penso que não temos o direito de dispor da nossa vida. Temos o direito e o dever de viver o melhor que podemos. Temos o direito de não sermos forçados a viver para além do que é razoável viver, e esta é uma linha muito frágil. Tão frágil quanto aquilo que os progressos da ciência nos têm colocado perante essa fragilidade.

E, já agora, como define a vida?

É uma coisa muito difícil de definir, nem sei definir. Eu diria que estar vivo é um dom, é uma dádiva extraordinária. Dirão uns divina, dirão outros da natureza, não importa, é uma dádiva. É o resultante desta circunstância extraordinária de existir a humanidade. Sendo uma dádiva espantosa, como todas as dádivas, entendo que ela tem de ser desenvolvida, tem de ser aproveitada, tem de ser gozada.

Perfeitamente de acordo, a vida deve ser gozada, saboreada. Mas quando ela, ao arrepio do nosso querer, nos impõe sacrifícios extremos, como atuar?

Ao longo da minha vida terei tido, como todas as pessoas, momentos mais difíceis. Tive um particularmente difícil, que foi quando perdi um primeiro bebé, em fase já avançada de gestação, 16 semanas, o que já é bastante e estive objetivamente em perigo severo de vida. E, quando recuperei de toda esta situação, tive uma aprendizagem que é dada a poucos: perceber a coisa extraordinária, que é o estar vivo, não por oposição à morte, porque tive também a extraordinária oportunidade de aprender o não medo da morte, por essa mesma experiência. Mas o perder o medo da morte deu-me este outro conhecimento, muito mais claro, de que a vida é uma dádiva extraordinária.

É mãe de nove filhos. Como vê o decréscimo da natalidade no nos-

so país? O ano passado nasceram menos 10 mil crianças do que em 2012. As políticas de família deste Governo empurram a natalidade para este abismo?

O decréscimo da natalidade é uma inevitabilidade do desenvolvimento. À medida que os países se desenvolvem, estabilizam, decrescem e depois recuperam, nomeadamente

“

A liberdade é a capacidade de nós podermos optar, dentro dos limites daquilo que é a nossa humanidade, e a nossa humanidade é determinada também pela ética.

”





O decréscimo da natalidade é uma inevitabilidade do desenvolvimento. [...] Sempre tivemos um comportamento demográfico mais ou menos estabilizado.



os países ditos mais desenvolvidos da Europa e dos Estados Unidos da América. Não vou analisar como é que se mantém o equilíbrio de-

demográfico, porque existem várias razões para isso. Todavia, olhando para a Europa e para os países mais desenvolvidos da Europa, os nórdicos estão em recuperação demográfica, suponho que tendencialmente para o equilíbrio demográfico, a França e a Alemanha estão em recuperação e Portugal está na cauda. Nós sempre tivemos um comportamento demográfico mais ou menos estabilizado, com picos de explosão que eram compensados ou com os descobrimentos ou com a emigração.

Mas, se me permite, insisto: a baixa de natalidade tem ou não a ver com as políticas públicas?

E eu respondo. Sim, claro, as políticas públicas contribuem de forma significativa, mas não só. Não é correto culparmos totalmente as políticas públicas do decréscimo, deste comportamento, face à fecundidade. Podemos acusar as políticas públicas da sua incapacidade de percepção de duas coisas: a primeira, de visão estratégica e, portanto, de

capacidade de análise prospetiva, de evolução de tendências demográficas. É uma culpa que nós não lhes podemos retirar, a incapacidade de ler os sinais das projeções demográficas. A segunda, a de não proporcionarem condições de estabilidade e segurança às pessoas. Ainda recentemente foi tornado público, por um estudo do Instituto Nacional de Estatística (INE), que os portugueses gostariam de ter dois filhos e não os têm porque não se sentem seguros.

Quer dizer então que há predisposição, por parte dos portugueses, para ter mais filhos?

A predisposição para se ter filhos é inerente ao ser humano, porque tem a ver com a própria subsistência da espécie. Se nós não nos reproduzirmos, desaparecemos. A predisposição para se ter filhos não é fruto de uma medida política. É fruto de condições que as medidas políticas proporcionam. Ninguém cria um filho porque lhe pagam. Não se paga um filho. Não se paga

ALGUNS DADOS DA EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA E DA NATALIDADE

Fonte: Pordata

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA (em milhares)

1960	8.865,0	2011	10.557,6
1981	9.851,3	2012	10.514,8
2001	10.362,7		

ENVELHECIMENTO

(n.º de idosos por cada 100 jovens)

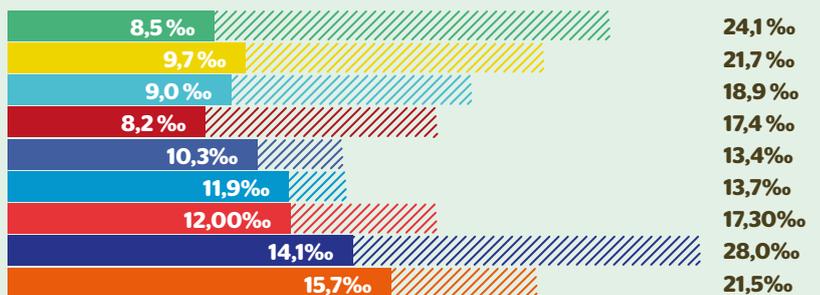
1960	27,3	2011	125,8
1981	45,4	2012	129,4
2001	101,6		

IDADE MÉDIA DA MÃE AO NASCIMENTO DO 1.º FILHO

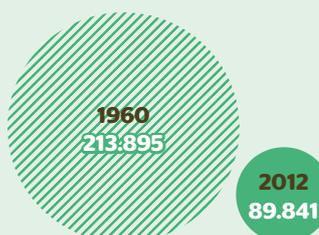
1960	25,0	2005	27,8
1970	24,4	2010	28,9
1980	23,6	2011	29,2
1990	24,7	2012	29,5
2000	26,5		

EVOLUÇÃO NA EUROPA

(média de nascimentos por 1.000 habitantes residentes) (ano/‰)

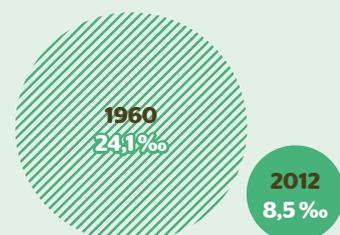


TOTAL DE NASCIMENTOS EM PORTUGAL



TAXA DE NATALIDADE

(média de nascimentos por 1.000 habitantes residentes) (ano/‰)





todo o investimento pessoal que é feito, quer de um ponto de vista material, mas sobretudo de um

ponto de vista emocional. Isso não é pagável. Porque ter um filho é um ato moral, um ato que exige uma dádiva tremenda, que extravasa de forma incomensurável a dimensão material.

que trabalhar, e trabalhámos bastante, chegámos a ter mais do que um trabalho, porque um só não chegava para sustentar a família que ia crescendo. E foi possível também porque tivemos a capacidade emocional e ajudas de terceiros.

Talvez seja importante para muitas mães que nos leem saber: como compatibilizou a tarefa de deputada, professora universitária e mãe de nove filhos?

Como se gere o silêncio de uma casa que ainda há poucos anos era uma babel de sons? É difícil habituar-se à nova situação do silêncio?

Quando pensámos em nos casar, achámos que queríamos ter muitos filhos, mais do que efetivamente tivemos. Lembro-me de termos feito uma lista de 15 nomes masculinos e 15 nomes femininos. Esse número fez parte do nosso projeto. O que significa, à partida, uma ideia constitutiva do agregado familiar; o que, naturalmente, significa também que tínhamos de nos organizar para que isso pudesse acontecer. E essa organização tinha também outros pressupostos: trabalhávamos os dois e nunca foi equacionada a alteração destas premissas, até porque precisávamos de trabalhar para podermos concretizar esta ideia de uma família grande. A concretização deste projeto dependeu também de termos condições materiais para o realizar e para isso tivemos

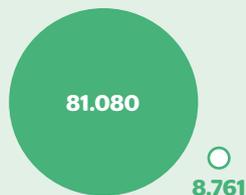
Ainda não fiz essa aprendizagem, felizmente! A casa, ao contrário do que pensa, ainda não está completamente silenciosa, por vezes até é muito barulhenta porque ainda não saíram todos. Temos dois residentes fixos, temos outros dois residentes intermitentes, que estão a fazer o doutoramento no estrangeiro e voltam. Temos agora uma residente fixa, que já se tinha casado, mas que, como o marido está no estrangeiro a fazer o MBA, resolveram alugar a casa para aumentar os rendimentos e custear o MBA. Ela voltou para nossa casa. Entretanto, aos nossos filhos, à medida que também eles fossem tendo filhos, ofereceremos a nossa casa como creche, um primeiro sítio de acolhimento, antes de irem para o jardim-de-infância. Por

- PORTUGAL
- ESPANHA
- GRÉCIA
- ALEMANHA
- REPÚBLICA CHECA
- SUÉCIA
- NORUEGA
- ISLÂNDIA
- IRLÂNDIA

/// 1960 ■ 2012

NACIONALIDADE DA MÃE NASCIMENTOS 2012

- PORTUGUESA
- ESTRANGEIRA



“

O perder o medo da morte deu-me este outro conhecimento, muito mais claro, de que a vida é uma dádiva extraordinária.

”

isso, neste momento, são residentes também três netos pequeninos.

Sei que é uma pessoa crente. A sua relação com Deus tem evoluído com a vida? Os momentos difíceis como a morte trágica do seu irmão Adelino Amaro da Costa, falecido no acidente de Camarate, arrefeceu a sua fé? Como se lida com Deus num caso tão dramático?

Nasci numa família católica especial. Os meus pais tinham uma relação muito saudável com a Igreja. Eram ambos alentejanos. O meu pai era militantemente republicano, portanto tinha uma relação muito solta, saudável, com Deus, se assim o posso dizer, e não era amargurado, não nos transmitia o mínimo

desvio; a minha mãe, em contrapartida, tinha uma relação também muito serena, com a Igreja.

As grandes questões, como essa que me colocou, levam-nos em regra a questionar o Deus em quem acreditamos. Ela tinha sido colocada antes, quando perdi o primeiro bebé, que foi antes de o meu irmão ter morrido. E esse teria sido o momento de me colocar essa questão. Mas foi um momento de pacificação, exatamente por aquilo que disse há pouco, da percepção da dádiva, da vida e da perda do medo da morte, em que não havia que culpar ninguém. Quando o meu irmão morreu, estava eu de cama, com uma gravidez de risco, da minha quarta filha, depois de ter perdido dois bebés. E lembro-me da primei-



Joana Carneiro, maestrina convidada da Orquestra Gulbenkian, em entrevista ao Público: “À medida que vou crescendo, olho-me ao espelho e surpreendo-me porque vejo a minha mãe. Até considero que tenho uma irmã fisicamente mais parecida. Mas é na expressão, na forma de falar... Quando me dizem que estou cada vez mais parecida com ela, sinto-me orgulhosa. Quer dizer que as coisas estão a correr bem”. “A minha mãe é uma pessoa que admiro muito. Com o meu pai, construíram uma família extraordinária. Nove filhos, que seguiram as suas vocações livremente e plenamente. Ensinou-me a fazer tudo com uma enorme alegria”. (Revista 2, Público, Fotos: Daniel Rocha)





Anfitriário Cardeal Meeiros da Universidade Católica em Lisboa, onde decorreu a entrevista

ra pessoa que chegou ao pé de mim, a pediatra dos meus filhos, que me contou o que tinha acontecido e eu, sem pensar, reproduzi-lhe uma frase que é usada vulgarmente: foi vontade de Deus. E ela respondeu: “Esta não é a vontade de Deus, Deus não tem nada a ver com isto”. De facto, Deus não tem nada a ver com este assunto. As circunstâncias da vida é que têm a ver conosco. Culpar Deus seja lá do que for é torná-lo num Deus menor e, sobretudo, é recusar um Deus que eu acredito que é um Deus do amor, que naturalmente não me provoca o mal.

Na altura da tragédia estava grávida, como acabou de referir. Como foram esses meses? Como fez o luto pela morte do seu irmão tendo uma vida no seio?

Foi bastante complicado. Aliás, suponho que terei feito algum bloqueio da morte do meu irmão na altura, porque, como já tinha perdido dois bebés e já estava havia quatro meses em repouso absoluto, lembro-me de, no desespero da notícia, ter quase como que um pensamento eterno de grito: mas este bebé não pode morrer. Houve como que

uma convergência de toda a minha capacidade de luta para que o bebé não fosse afetado pela morte do tio. Durante os restantes meses de gravidez, tentei não pensar na morte do meu irmão, porque o que era preciso era preservar a vida daquele bebé, pelo qual estava a lutar tanto. Depois do nascimento, tanto quanto me lembro, estive quase 15 dias a chorar. Entrei num pranto longo depois do nascimento. Chorei tudo aquilo que não me deixei chorar antes.

O seu marido, Eng.º Roberto Carneiro, é um especialista, de topo internacional, em matéria de educação. Foi aliás considerado até hoje o melhor Ministro da Educação depois do 25 de abril. É fácil educar quando se tem em casa um insigne pedagogo?

Não é fácil educar ninguém. Relativamente à sua pergunta, estas ideias não têm uma correlação direta. O que eu diria é que o facto de sabermos muito sobre um assunto não torna mais fácil a tarefa de educar. Educar é um ato difícilíssimo, inacabado, e sempre imperfeito. Educar um filho que se ama é um

ato de uma dificuldade extrema e para isso nunca há conhecimentos suficientes.

Mesmo para concluir, peça-lhe uma mensagem às jovens mães ou àquelas que o querem ser.

Que o sejam. Que não tenham medo. Que o medo não as impeça de o ser. O medo não nos pode impedir desta coisa extraordinária, desta aventura extraordinária, desta riqueza inultrapassável que é ter um filho. Permite atingir dimensões de realização que não se encontram noutra dimensão, do ponto de vista da relação, da dádiva, da gratuidade, do amor. A família permite realizar claramente a gratuidade, a necessidade que nós temos de praticar ações sem retorno, sem esperança de retorno, unicamente porque faz parte da nossa essência humana. Eu diria que o filho é um sítio único, é uma possibilidade única. É uma aventura, é uma dádiva e é um retorno que não se encontra em nenhuma outra dimensão. •

No dia 31 de janeiro, Festa de Dom Bosco, D. Joaquim Mendes presidiu às Eucaristias para a Comunidade Educativa

CINQUENTENÁRIO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA, LISBOA

“Daqui a minha glória”

PE. MANUEL PINHAL
FOTOGRAFIAS: JOÃO RAMALHO

A Paróquia dos Prazeres comemorou no final de janeiro os 50 anos da dedicação da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. D. Manuel Clemente e D. Joaquim Mendes participaram nas celebrações.

No dia 30 de janeiro tiveram início as celebrações cinquentenárias da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, dos Salesianos, em Lisboa. Como há cinquenta anos, as comemorações incluíram a solenidade de Dom Bosco. Assim, a 30 de janeiro, quinta-feira, o diretor da Obra Salesiana de Lisboa, Pe. Simão Cruz, presidiu à Eucaristia, animada pelo grupo coral dos ADMA.

No dia 31 de janeiro, solenidade litúrgica de S. João Bosco, D. Joaquim

Mendes, salesiano, bispo auxiliar de Lisboa, presidiu às Eucaristias para a Comunidade Educativa. À tarde, 18h00, o pároco presidiu à Eucaristia para os fiéis, igualmente animada pelo Grupo ADMA.

No dia 1 de fevereiro, sábado, tivemos a presença do Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, que presidiu à Eucaristia para os nossos escuteiros, catequistas e catequizandos, e para uma assembleia numerosa, com muitos antigos alunos

e amigos presentes. Como sempre acontece, a animação esteve a cargo do coral e instrumental misto de Escuteiros e Catequese.

No dia 2 de fevereiro, a Missa Solene foi presidida pelo Provincial, Pe. Artur Pereira, e animada por um grupo significativo de alunos do 1.º Ciclo dos Salesianos de Lisboa, juntamente com os seus professores de música. No final, todos se deslocaram para o exterior da igreja, onde foi benzida uma ima-

gem de mármore de Nossa Senhora Auxiliadora com dois metros de altura e descerrada uma lápide que fica como testemunho histórico deste ato. Terminámos ali mesmo, cantando "Auxiliadora Virgem Formosa", e com uma grande salva de palmas.

Quando a imagem foi inaugurada, no dia 30 de janeiro, o Pároco, nas palavras que dirigiu aos presentes, referiu que, segundo os registos da altura, a igreja de Nossa Senhora Auxiliadora foi construída para comemorar o centenário da construção da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora em Turim. No sonho que deu origem à basílica, a Mãe e Mestra indicava a Dom Bosco o lugar onde queria a sua Igreja, e a frase: «HIC DOMUS MEA, INDE GLORIA MEIA» («Aqui a minha casa, daqui a minha glória»). Esta frase, em português, encontra-se escrita nos vidros do guarda-vento da nossa igreja. O Pároco, ao referir-se à imagem colocada na fachada, lembrou: "Esta é a mesma Nossa Senhora Auxiliadora, com a sua presença, visível a quem passa pela Praça de S. João Bosco, e que diz ao povo: 'Esta é a minha casa, daqui (sairá) a minha glória'".

A igreja de Nossa Senhora Auxiliadora é a matriz da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres. Nestes 50 anos, entre 30 de janeiro de 1964 e 31 de dezembro de 2013, realizaram-se aqui 5.065 batismos, 2.043 casamentos e 3.260 crismas. •

Bênção da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora pelo Provincial, Pe. Artur Pereira



D. Manuel Clemente, Patriarca de Lisboa, profere a homilia na Missa de sábado. Em baixo, momentos das Eucaristias presididas pelo Pe. Simão Cruz e pelo Bispo D. Joaquim Mendes





Um anjo como o Papá



BRUNO FERRERO
DIRETOR DO
BOLETIM
SALESIANO
ITALIANO

Perguntei-lhe: «O que é para ti um papá?» Respondeu sem hesitar: «Um papá protege, explica, faz tudo». «E uma mamã?» Também desta vez não hesitou: «Uma mamã é a mesma coisa, mas no feminino».

«Queridos pais, sede pais porventura imperfeitos, a meio gás, não importa. Não percais a incrível beleza de ver crescer o menino que destes ao mundo», palavra de Barack Obama, presidente dos Estados Unidos da América e portanto “first daddy”, da América. Que confessa às suas

filhas Malia e Sasha: «Fui um pai imperfeito, sei que cometi muitos erros. Perdi a conta a todas as vezes em que as exigências de trabalho me afastaram das minhas responsabilidades de pai». Qualquer homem pode ser “pai”, mas é necessária uma enorme carga de amor para

ser “papá” e não bastam certamente nove meses para fazer um bom papá. Quando se aprende alguma coisa de novo, quer seja pilotar um avião ou jogar golfe, começa-se a aprender pelos erros e a partir deles. E certamente aprender a pilotar um avião é muito mais fácil do que

“

Qualquer homem pode ser “pai”,
mas é necessária uma enorme
carga de amor para ser “papá”.

”

aprender a ser um bom pai. A melhor comparação para caracterizar a figura do pai é a do **anjo da guarda**. Na oração, que todos sabemos, estão sintetizadas as principais tarefas de um papá: «*Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, pois a ti me confiou a piedade divina, hoje e sempre me governa, rege, guarda e ilumina. Amen.*».

Ilumina. É significativa a expressão «dar à luz» para indicar o nascimento. Vale para ambos os progenitores. Mas quase instintivamente o pai assume o papel de “guia”, daquele que vai à frente para indicar o caminho na selva da realidade. Interiormente sabe que não pode eximir-se: até a mulher está a contar que seja ele a ter as ideias claras sobre aquilo que deve fazer-se, a tomar decisões, a não abanar. Um grupo de pais cristãos de várias raças e orientações sintetizou-o assim: «Basta de desculpas: sê aquele homem que Deus te destinou a ser». Fazer de pai obriga a dar o melhor de si. Nunca nenhum homem poderá compreender o sentido da vida, o sentido do mundo, o sentido de coisa alguma, enquanto não tiver um filho para amar. Apanhei uma conversa entre dois amigos no bar. Um diz: «Quando era pequeno, de noite, o meu pai deixava-me sempre a luz acesa na mesinha de cabeceira». O outro responde: «O meu pai **era** a luz». Um bom pai é uma pessoa “luminosa”.

Quando Deus decidiu criar o pai, fê-lo com uma estrutura mais alta e robusta. Então um anjo que estava ali ao pé perguntou: *“Mas que raça de pai é este? Se vais fazer as crianças tão pequenas, porque fizeste um pai tão grande? Não poderá jogar ao ber-*

linde sem ser de joelhos, nem puxar os cobertores ao seu pequeno sem se inclinar, nem beijá-lo sem quase dobrar-se em dois!”. Deus sorriu e respondeu: *“É verdade, mas se o faço pequeno como uma criança, as crianças não terão ninguém para quem levantar os olhos”.* Queira ou não queira, um pai é sempre um modelo, alguém para quem levantar os olhos, como um farol na noite a indicar a rota segura. Iluminar significa tirar as zonas de sombra, ser claro e transparente, explicar o sentido dos acontecimentos e da vida com honestidade e verdade, sobretudo não dar falso testemunho.

Guarda. O pai, para a criança, é antes de tudo o amoroso companheiro da mãe. O laço afetivo que une os pais é para qualquer criança uma base de valor imenso, um ponto de apoio fundamental e uma condição que assegura uma forte estabilidade emotiva e um grande sentido de segurança. O pai é aquele que está próximo, que ama, sustenta, ajuda, cuida. Em suma, é aquele que está, que está presente, sabe escutar a fragilidade, compreender e perdoar os erros. Num mundo como este, os filhos devem sobretudo ser defendidos dos ataques de uma sociedade que só sabe esmagar, que já não sabe propor identidades positivas, que reduz a felicidade ao efémero consumo de coisas e pessoas.

Rege. Um pai que deve ter sempre **a coragem de encorajar**, isto é, “dar coração” aos filhos. Um pai ensina a resolver os problemas e, nos momentos difíceis, é como o muro para a hera, alguém a quem apoiar-se, alguém que dá apoio na tarefa de descobrir e realizar as próprias qua-

lidades, alguém que ajuda a tornar possíveis os sonhos, que acredita na possibilidade de transformar-se a si mesmo e ao mundo. O papel do pai é o de “iniciar” para a vida e sobretudo de ensinar os filhos a lidar com as feridas e com as perdas que ela provocará.

Governa. Um pai é dotado de uma autoridade natural e deve exercê-la de acordo com a mãe. A família tem necessidade de um guia consciente e ativo, que é necessário sobretudo para um saudável desenvolvimento das crianças. É terrível o vazio destrutivo que se cria quando os pais evitam exercer qualquer tipo de responsabilidade e de poder. Um pai deve aprender a lidar com amuos, olhares de desilusão, cenas e protestos dos filhos, encarando tudo com sereno afeto, mas sem atraí-los para as próprias responsabilidades. Repetindo com frequência a motivação fundamental da “disciplina” da família: o «eu amo-te e por isso impedirei com todas as forças que tu caias no erro».

Pois a ti me confiou... Ser pai é uma vocação, isto é, uma missão que vem do alto. É o maior ato de confiança do Criador: «Confio-te uma vida: faz com que seja aquela obra-prima que Eu pensei». •



Do lado do mais fraco, sempre



ANA CARVALHO
PROFESSORA

Dia a dia, João cresce no seu ideal de futuro educador e pedagogo e de todos os encontros sabe captar o ensinamento para a sua futura missão.

Era um dia normal de aulas. João Bosco entra na sala de aula e aguarda, tranquilamente, a chegada do professor. Este, por qualquer motivo, tardou em chegar. Tal como nos dias de hoje, também no século XIX, os alunos não revelavam uma gran-

de capacidade de saberem esperar. Um atraso era sinónimo de ausência total e por isso, alguns mais criativos encarregavam-se de ocupar esses tempos mortos em tempos de grande animação.

João, habituado como estava a

aproveitar o tempo, tirou o livro da sua sacola e fez uma última revisão da matéria dada na aula anterior. O barulho e os jogos não o incomodavam sobremaneira.

Nesse dia, deu entrada um novo aluno que, sentindo-se ainda es-



Uma amizade que conduz pelo caminho da virtude e do bem, dá sempre os seus frutos, entre os homens e para a eternidade.



tranho, conservou-se no seu lugar e aguardava pacientemente a chegada do professor. Um dos alunos mais atrevido e amigo da algazarra, escolheu o novo aluno para alvo da sua chacota. Enquanto a situação se manteve apenas pelas palavras, João não tomou partido por qualquer uma das partes. Porém, das palavras aos atos foi um ápice. João que tinha observado a chegada do novo aluno, franzino, tímido e de poucas palavras, ficou desperto e atento ao desenrolar da situação.

- Tu que acabaste de chegar, vem para aqui, para o meio de nós!
- Não. Não gosto desses jogos.
- Gostes ou não gostes, tens de vir!
- Já disse e podeis bater-me, mas não quero participar nesses vossos jogos.

E assim, aquele colega não esteve com meias medidas e do diálogo passou de imediato aos murros e pontapés. João, até então calmo e observador, salta para o meio da confusão e começa a distribuir murros e pontapés, para restabelecer a calma e a serenidade. Alheio ao aviso do céu do sonho dos nove anos, “não é com murros, mas com a mansidão e caridade que deves conquistar os teus amigos”, ficou perplexo ao perceber que aquele novo colega nada fazia para se defender.

Passada a borrasca e restabelecida a paz, João aproxima-se do colega que se chamava Luís Comollo e inteira-se da razão de tão grande calma e serenidade.

- João, assusta-me essa tua força. Tu és forte e robusto, mas lembra-te que Deus não te deu para maltratares os teus companheiros.

- Quando percebi que nada fazias para te defender, achei que devia intervir, pois era injusto o que eles te queriam fazer.

- Também o Senhor sofreu a injustiça, quando os malfeitores o crucificaram. Ele quer que nos amemos e que perdoemos uns aos outros.

Este curto diálogo foi suficiente para João perceber o calibre da alma do seu novo amigo que, a partir daquele dia, passou a fazer parte do elenco dos seus amigos do peito. Sob uma aparente fragilidade física, João descobre uma grande riqueza espiritual. Daquele dia em diante, entre os dois amigos far-se-á uma permuta de dons. João será um escudo de defesa para o Luís e este será um anjo da guarda para João, na sábia orientação das suas forças físicas. Uma amizade que conduz pelo caminho da virtude e do bem, dá sempre os seus frutos, entre os homens e para a eternidade.

Dia a dia, João cresce no seu ideal de futuro educador e pedagogo e de todos os encontros sabe captar o ensinamento para a sua futura missão. •

DAS MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS

Com D. Bosco dia a dia

2011-2015 PREPARAÇÃO DO BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE DOM BOSCO

12 de março de 1875

Em audiência privada (a segunda; a primeira foi a 22 de fevereiro), Pio IX pergunta a Dom Bosco se no Oratório há jovens que rivalizem em santidade com Domingos Sávio (m. 9 de março 1857). O Santo responde afirmativamente e acrescenta que alguns estão em vias de o ultrapassar. (M. B. XI, 115, 128)

13 de março de 1885

Em Turim os vendedores de jornais gritam: «Morte de Dom Bosco! Cinco cêntimos a cópia!» «Até sinto a minha morte com as minhas orelhas, o perigo não é grande!», comentou Dom Bosco. (M. B. XVII, 418)

16 de março de 1878

Na primeira audiência do novo papa, Leão XIII (eleito a 20 de fevereiro), a Dom Bosco, o Santo sabe de tal forma defender a sua causa que o Papa é conquistado e decide fazer-se Cooperador Salesiano. (M. B. XIII, 495, 865)

1 de abril de 1788

Nasce Margarida Occhiena, mãe de

S. João Bosco, em Capriglio d’Asti. (M. B. I, 13)

1 de abril de 1934

No dia de Páscoa, como encerramento do Ano Santo (XIX centenário da Redenção) Dom Bosco é canonizado pelo Papa Pio XI. O Santo Padre, que conhecera pessoalmente Dom Bosco em outubro de 1883, gostava de recordar com frequência esta visita nos discursos que fazia em honra do novo Santo. (M. B. XIX, 256-284 - «Boll. Sal.» 1934, luglio)

2 de abril de 1842

Nasce S. Domingos Sávio, em Riva, entre Turim e Castelnuovo Don Bosco. (S. D. S. di S. G. B., p. 16)

As praxes académicas, o eu e a liberdade



ISILDA PEGADO
FEDERAÇÃO
PORTUGUESA
PELA VIDA

ILUSTRAÇÃO:
NUNO QUARESMA

A liberdade é o nosso mais precioso bem. Cuidar da liberdade dos homens é também uma tarefa da sociedade e do Estado.

1 - Nos últimos dias, o País confrontou-se com violências várias que, em diferentes Universidades, vão proliferando, a coberto de eventuais praxes académicas. Causticamente, apetece-nos dizer: "Sinais dos tempos! Paciência!". É evidente que não aceitamos, antes, pelo contrário, entendemos que esta é mais uma das manifestações de vida em sociedade (agora no meio académico) onde se pretende anular o "eu", cada "eu" que está em formação, e onde a liberdade é só para alguns. Aliás, é sintomático que, no início de uma formação académica, estruturante e determinante na personalidade de cada cidadão que por ali passa, se pense em submeter rapazes e raparigas a práticas que "anulam" o indivíduo.

Dizem-nos que é "preparação para a vida". Será a vida a nulidade do "eu"? Hoje a Universidade prepara para a obediência e submissão a práticas desumanas? Para a obediência cega? Que interesses obscuros estão por detrás desta forma de pensar? Nenhuns ou todos?

2 - As praxes chocam-nos, mas esta é a mentalidade de muitas das orientações sociais, que nos últimos anos nos têm sido vendidas. Tudo a troco de uma "liberdade". Eu faço o que quero do meu corpo. Só se submete à praxe quem quer... Só faz aborto quem quer... Mudo de sexo consoante a minha vontade e orientação...

Mas uma miúda de 18 anos tem de decidir se quer ser praxada ou não? Uma mulher grávida tem de decidir se quer eliminar o seu filho? Um rapaz com problemas do foro psíquico tem de escolher o seu sexo?

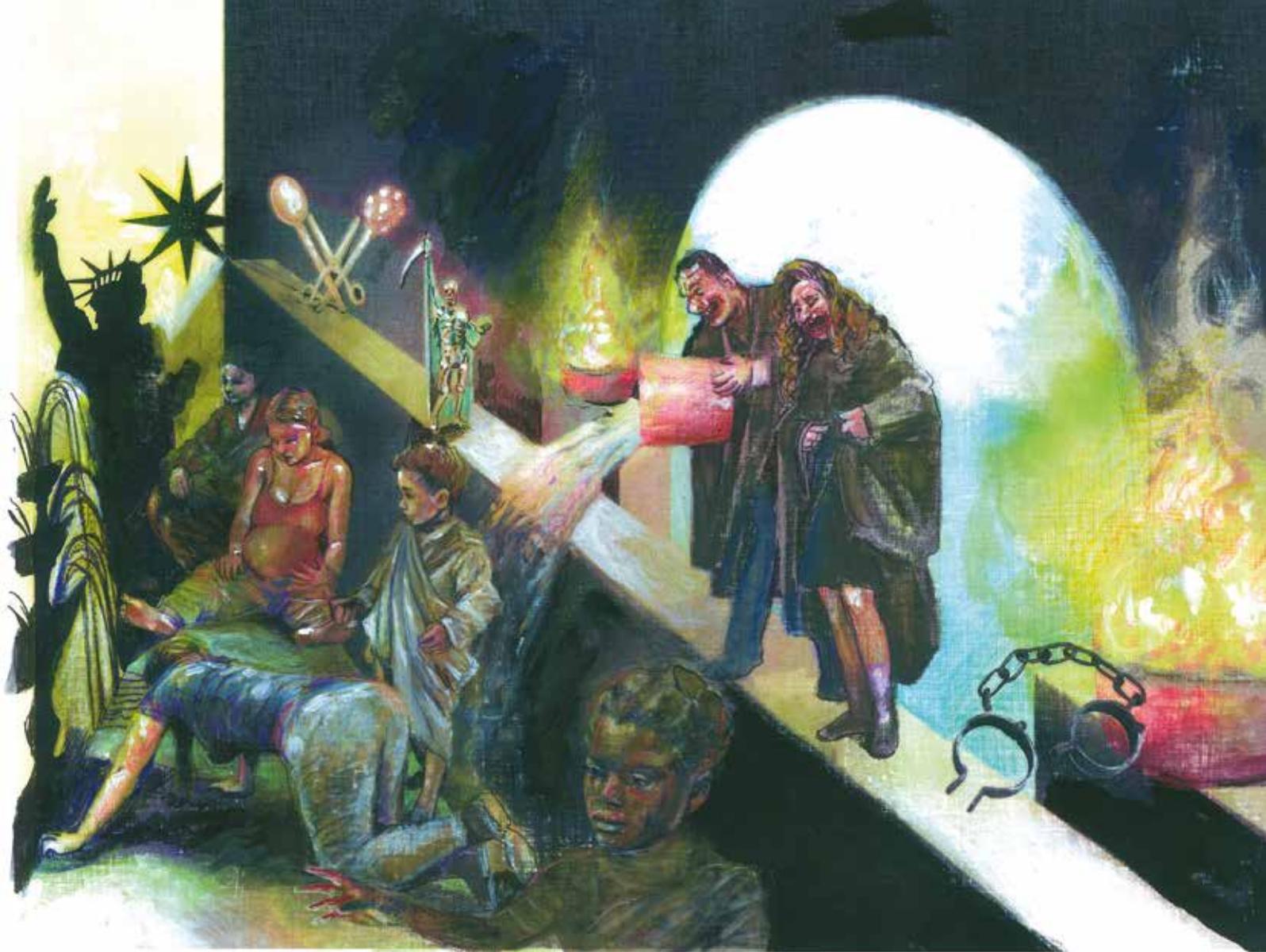
O "código e a denominada comissão da praxe" dizem o que é permitido, e estabelecem orientações que integram os atos (irresponsáveis) de quem os executa. Também assim, por exemplo, a "nova lei do divórcio" permite abandonar uma família, sem que isso traga responsabilidade a quem o faz.

3 - A mentalidade do individualismo (selvagem) entrou na nossa sociedade. "Faço o que quero". À

exceção das áreas económicas, em que os titulares do crédito estão armados de todas as defesas, no resto, temos a ilusão de que tudo depende da decisão de cada um. Há como que um "otimismo" em que nos embalamos e que nos leva à mais terrível das escravidões - a nulidade do eu.

O jovem que se submete à praxe é escravo dos tontos que estão à sua frente. A mulher que faz um aborto é escrava do patrão, do companheiro ou até da sua própria ilusão. O indivíduo que se divorcia "porque não dá" é escravo dos seus próprios instintos. A pessoa que muda de sexo é escrava da moda, da lei, e das suas próprias fragilidades.

4 - Tudo isto não acontece por acaso... A educação de um rapaz ou de uma rapariga faz-se de muitas formas e a partir de muitas influências. A escola tem um papel determinante. O tipo de textos que nas aulas de Português, de Inglês ou de Filosofia se lecionam, são inofensivos ou não? E é tão rápida a



formação do adulto! Não há tempo para experiências. As engenharias sociais deram sempre mau resultado, são tempos negros da história.

5 - Há uma espécie de “vício do irrealismo” que parte do desejo de riscar a realidade, que anula a razão, o razoável, e cria um conjunto de ilusões complacentes. É uma espécie de “otimismo” como o que animou os soviéticos que acreditavam ter posto a espécie humana no caminho da solução dos problemas dos homens, destruindo todas as instituições sociais (Família, Igreja, escola livre, etc.). Tal “máquina” funcionou durante 70 anos (com a morte de mais de 60 milhões de pessoas) e foi a devastação subsequente que já conhecemos.

A característica que distingue o Homem de todos os outros seres é, de facto, a Liberdade. É o nosso

“

É sintomático que no início de uma formação académica, estruturante e determinante na personalidade de cada cidadão que por ali passa, se pense em submeter rapazes e raparigas a práticas que “anulam” o indivíduo.

”

mais precioso bem. Cuidar da liberdade dos homens é também uma tarefa da sociedade e do Estado. Não podemos admitir cidadãos escravos. A lei é fonte de liberdade

ou de escravidão. Tudo depende de cada “eu” a que se destina. •

Globalização e justiça social



ORLANDO
CAMACHO
ADMINISTRADOR
PROVINCIAL

A globalização está aí, mas os benefícios da economia de escala não têm melhorado a qualidade de vida da generalidade das pessoas.

A facilidade e a velocidade dos transportes e comunicações facilitaram a deslocalização dos grandes centros de produção à procura de mão-de-obra barata, o mais das vezes ao arripio dos direitos sociais, da segurança e da dignidade das pessoas. As grandes marcas abandonaram a indústria, fixando-se exclusivamente na criação e comercialização dos seus produtos. Esta revolução facilitou a produção, generalizou a distribuição e o acesso aos diferentes produtos, mas estes benefícios de escala não têm sido distribuídos de forma equitativa e equilibrada.

Ao distanciar o produtor do consumidor final, a economia global explora de forma injusta todos os intervenientes no processo. Nesta cadeia de valor acrescentado, as grandes marcas e patentes arreacam uma fatia desajustada, deixam a microeconomia à beira do colapso, os produtores numa total dependência e, por conseguinte,

os trabalhadores mais desqualificados na precariedade e na pobreza permanente.

Este desajuste é agravado quando está em jogo a exploração das riquezas do planeta. As multinacionais deslocalizam populações autóctones, exploram as terras e o subsolo, embolsando para si a grande parte dos lucros, que transitam impunemente para outras paragens deixando as populações cada vez mais pobres e a natureza progressivamente exangue e insustentável.

A produção alimentar é suficiente para acabar com a fome no mundo; a evolução da medicina possibilitou a cura de algumas doenças que ceifam anualmente milhões de vidas; a industrialização e a robotização têm uma potencialidade produtiva instalada capaz de retirar da miséria e da pobreza milhões de seres humanos que vivem sem o mínimo de dignidade.

No entanto, os benefícios dos progressos tecnológicos e do aumento da capacidade produtiva não têm sido suficientemente disponibilizados para corrigir os desajustes sociais de carácter local e global (por exemplo, apesar da internet, continuamos com milhões de analfabetos). O socialismo estatizante e o neoliberalismo rapace são estruturalmente incapazes de corrigir estas assimetrias, em ordem a promover uma maior igualdade de oportunidades. Apesar desta impossibilidade, porém, não é justo pôr sempre em causa a honestidade e as boas intenções dos diferentes protagonistas políticos.

O grande problema de hoje reside no facto de que, além da cultura, ciência, investigação, finanças e economia (comunicações, transportes, indústria, etc.), também o terrorismo e a criminalidade se globalizaram, fazendo com que o poder político, com os seus instrumentos de controlo e intervenção,

Trabalhadores
dos campos
de algodão na
Turquia



tenha, na generalidade, um reduzido poder de intervenção local.

A sustentabilidade ecológica do planeta, a desregulação financeira e fiscal, a globalização de todos os setores de atividade, a facilidade da migração global dos povos, e especialmente a sofisticação e internacionalização da criminalidade e do terrorismo, exigem instâncias internacionais capazes de legislar, informar, incentivar, controlar e punir os infratores. Os acordos pontuais e parciais não têm evitado, à escala global, a insustentabilidade ecológica, a especulação financeira e a fuga aos impostos, a migração ilegal, a criminalidade e o terrorismo internacionais, a desregulação económica e fiscal.

A forma como a própria Comunidade Europeia se tem organizado demonstra bem a dificuldade de obter consensos internacionais e de manter instituições credíveis e com capacidade de intervenção a

“

Esta revolução facilitou a produção, generalizou a distribuição e o acesso aos diferentes produtos, mas estes benefícios de escala não têm sido distribuídos de forma equitativa e equilibrada.

”

custos sustentáveis. Mesmo na Comunidade Europeia, com uma notável história e cultura social, os ricos continuam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Se as instituições não contribuírem de forma decisiva para uma maior justiça social, debelando a miséria e a pobreza - através, sobretudo, do acesso universal aos bens e ser-

viços essenciais, da redistribuição mais justa da riqueza e da formação das pessoas -, só estarão a agravar ainda mais a já elevada carga de impostos, sem que daí resultem benefícios sociais que promovam a justiça e, conseqüentemente, a paz. •



Interior da
Basílica
dedicada
ao Sagrado
Coração de
Jesus

Obra emblemática de Dom Bosco construída com uma lotaria e várias ajudas

ANTONIO PAOLUCCI/L'OSSERVATORE ROMANO

FOTOGRAFIAS: DAVID KRANER

Foi mesmo assim: para construir a Basílica do Sacro Cuore em Roma, Dom Bosco recorreu a uma lotaria para a qual vendeu 200 mil bilhetes a uma lira cada.

A Basílica onde o Papa Francisco rezou Missa no dia 19 de janeiro, situada na Rua Marsala numa zona desfavorecida de Roma, junto à estação Termini e próxima do albergue da Cáritas onde funciona uma cantina social, foi construída por S. João Bosco entre 1879 e 1887 recor-

rendo a várias ajudas.

A basílica salesiana é a igreja que acolhe as dezenas de milhares de pessoas que todos dias chegam a Roma ou de Roma partem. Mal o comboio chega a Termini, avista-se o campanário do Sacro Cuore, e o Cristo a abençoar, de bronze doura-

do, obra do escultor turinês Cattaneo, que está no alto campanário e que os antigos alunos salesianos da Argentina ofereceram em 1931.

Em redor da basílica do Sacro Cuore - quem frequenta Termini sabe-o bem - vive e movimenta-se

uma humanidade agitada e atarefada, hoje multicultural e multiétnica, muitas vezes desorientada e abandonada. Era assim, começava a ser assim, já nos tempos de S. João Bosco, fundador da igreja, porque a estação ferroviária existia desde 1860, desde os tempos de Pio IX. Já então, esta parte da cidade começava a tomar forma com o traçado da futura via Nazionale, com a confluência na praça que depois se chamaria da Esedra e hoje da República, com a rede octogonal de ruas que iam gradualmente ocupando a zona do antigo Castro Pretório.

Empreendimento construído graças ao infatigável empenho de S. João Bosco

A basílica do Sacro Cuore é edificada entre 1879 e 1887, durante oito anos cruciais para a história da Itália e da Igreja.

A consagração em 1919, em Paris, na colina de Montmartre, do grandioso templo do Sagrado Coração, torna emblemática a história de uma devoção que não teve comparação em intensidade e amplitude no universo católico inteiro.

Exigia-se a tenacidade, o otimismo, o pragmatismo, a sensibilidade política e a inteligência empreendedora de S. João Bosco para que o empreendimento, inicialmente considerado temerário e irrealizável pelo próprio senado da Congregação, fosse concluído. Contas feitas, em maio de 1887 no momento da consagração do edifício, calculou-se um custo global de três milhões e meio de liras, como dizer vinte milhões de euros em moeda atual. Dinheiro conseguido até ao último cêntimo pelo infatigável ativismo de Dom Bosco; mesmo com uma viagem de propaganda e de recolha de fundos em França e com uma lotaria pública em Roma: duzentos mil bilhetes vendidos a uma lira cada um! É preciso dizer que Dom Bosco gozava da estima e da amizade do Papa, de Pio IX primeiro, de Leão XIII depois.

Vinte vezes, no arco da sua vida, João Bosco vem a Roma, a primeira em 1858, quando a estação ferroviária ainda não existia e se chegava à Urbe por via marítima até Civitavecchia e depois de carruagem.

Vem a Roma para audiências com o Papa, para tratar dos assuntos da Congregação Salesiana, mas sobretudo para acompanhar as fases de construção da "sua" basílica. Conseguiu, antes de morrer, vê-la terminada, depois de projetada e construída em formas delicadamente neo-renascentistas do arquiteto Francesco Vespignani, decorada no seu interior pelos frescos de Virginio Monti e de Cesare Caroselli, pelas telas de Francesco de Rohden (o Redentor no altar-mor), de Giuseppe Rollini (a pintura do altar de Maria Auxiliadora), de Giuseppe Crida (S. João Bosco com Domingos Sávio), artistas que aparecem como os últimos grandes testemunhos de uma agradável tradição académica destinada a sobreviver em Roma até aos inícios do século passado.

Se eu tivesse de dizer quais são, no interior da basílica do Sacro Cuore, as obras de arte que melhor documentam a cultura salesiana e, portanto, o espírito de S. João Bosco, não hesitaria. Indicaria os trabalhos de artesanato artístico (por exemplo, a grade de ferro forjado na capela da pia batismal ou os confessionários de madeira de nogueira) que foram feitos nas escolas profissionais de San Benigno Canavese, onde aprendiam um ofício os rapazes que o Santo amava e queria entregar à sociedade como honestos cidadãos e trabalhadores competentes.

Porque esta foi e continua a ser em todo o mundo a missão salesiana. •



Dom Bosco ao celebrar Eucaristia neste altar no dia 16 de maio de 1887 fazia pausas e chorava enquanto recordava o seu percurso de vida e as palavras de N.ª Senhora "a seu tempo, tudo compreenderás!" Este episódio está gravado numa placa na lateral do altar



O Sagrado Coração de Jesus de bronze dourado na cúpula da basílica é uma das primeiras imagens que se vê ao chegar a Roma pela estação ferroviária de Termini. Ao lado, Basílica e obra salesiana contígua na Via Marsala

PE. DINO COLUSSI

A riqueza dos mais pobres

Era o último de uma grande dinastia: 13 irmãos, entre eles cinco irmãos e uma irmã missionários salesianos na Índia. Os 64 anos de missão foram condecorados pelo Presidente da República com o título de “Grande Oficial da Ordem da Estrela da Solidariedade Italiana”.

Pe. Dino Colussi, em 2010, benze a carrinha oferecida ao instituto que dirige em Nova Deli para crianças recolhidas das ruas



«Éramos treze irmãos: uma bela família do Friuli que, além de ser numerosa e esfuziante de alegria, era também uma verdadeira família cristã. Confirma-o o facto de seis dos 13 irmãos, termos escolhido a vocação religiosa tornando-nos missionários salesianos, com um único destino: a Índia», contava o padre Dino Colussi numa entrevista. «Dom Bosco costumava dizer que “uma família onde se vive a fé cristã, produz naturalmente vocações” e eu nunca tive dúvidas sobre a minha vocação. A “riqueza” que fui procurar na Índia foi a dos abandonados de um país mais pobre que o meu. A minha emigração começou em 1940, quando o meu irmão padre José me levou a Ivrea, ao Aspirantado Missionário salesiano, dedicado ao cardeal Cagliero, o primeiro grande missionário de Dom Bosco». Aos 19 anos em maio de 1948, chega à Índia. A escolha da Índia não tinha sido casual. Ali tinha chegado no ano anterior a sua irmã, Ir. Rina; havia cerca de vinte anos que lá se encontrava o irmão padre Guido, e dez anos o outro irmão, padre Luciano. «Eles tinham-me aberto o caminho». José, outro irmão, tinha também estado na Índia de 1932 a 1938, mas teve de regressar a

Itália devido a uma doença que exigia tratamento adequado. Em Itália, retomou os estudos e foi ordenado padre em 1947; partiu primeiro para os Estados Unidos e depois para a Austrália, onde exerceu a sua missão entre os emigrantes italianos nos difíceis anos do pós-guerra».

O padre Dino fora destinado a Shillong. Nessa viagem conheceu pela primeira vez o irmão padre Guido, que partira para a Índia antes de ele nascer. Em Shillong iria assistir os rapazes da “Escola Dom Bosco”. Na casa havia estudantes e artesãos, estes últimos distribuídos por cinco oficinas. Ao padre Dino foi confiada a dos sapateiros e assim teve ocasião de aprender os rudimentos da profissão.

Foi o início de uma atividade cuja narrativa é impressionante. Ordenado sacerdote em 1954, ao fim de alguns anos foi para Krishnagar e depois para Bandel, como responsável pelo funcionamento de um santuário mariano e também pela manutenção e instrução dos 200 alunos do seminário. Nas etapas seguintes da sua vida, vê-se constantemente empenhado em duas frentes que constituem dois aspetos da mesma luta contra a pobreza: preparar para a vida, dando ins-

trução, ensinando uma profissão e dando trabalho. Administrador da “Don Bosco Technical School” em Liluah, subúrbio de Calcutá, após alguns anos pede para regressar à “frente”, numa zona mais pobre e assim lhe é proposta Krishnagar, onde permanecerá de 1968 a 1981. Tem de ficar responsável pela escola, pelas oficinas e pelos trabalhos do campo. Adquire mais terrenos e faz criação de galinhas, porcos e vacas. Experimenta novos métodos de produção, constrói estufas a carvão, lança uma campanha para a construção de casas económicas a fim de substituir as cabanas de barro. Para travar o nomadismo de uma numerosa tribo de aborígenes, entrega-lhes um aviário de cinco mil galinhas. Em 1996 volta a mudar: durante dois anos trabalha em Orissa, no oeste de Bengala, para organizar a segunda obra salesiana naquele estado. E depois, em 1998, transfere-se de novo para Deli onde começa uma nova aventura: ensinar os rapazes pobres a usar o computador, dando-lhes também alimentação e conforto. A iniciativa engloba a criação de cinco escolas, desde o ensino básico até ao superior, até chegar ao “Technical Institute Don Bosco”.

No verão de 2001 o Presidente da República Italiana nomeou o padre Dino Colussi “Grande Oficial da Ordem da Estrela da Solidariedade Italiana”, restaurando uma condecoração que tinha sido suspensa há 23 anos.

Termina assim as suas “Confissões”: «Senhor, meu Deus, não sou digno de tudo isto! Obrigado por me teres concedido encontrar tantos pobres. Também eles são filhos de Deus! “Seria necessário um milagre!”, ouço dizer. Mas o milagre vejo eu todos os dias, porque todo aquele que vê Jesus no pobre e o ajuda e vive ao seu lado realiza um milagre. Agora, que sou velho, só peço ao Senhor que este milagre nunca termine».

O Pe. Dino Colussi faleceu em Nova Deli a 27 de agosto de 2012. • BOLETIM SALESIANO/ITÁLIA



CASA DE SANTA ANA, SETÚBAL

Uma escola para recordar toda a vida

Ao longo dos 66 anos de funcionamento, a Casa de Santa Ana tem honrado a sua missão de bem-fazer aos jovens que por aqui passaram.



ANA CARVALHO
PROFESSORA

No livro das Crónicas desta casa, lê-se “no dia 29 de outubro de 1947 foi aberta a casa de Setúbal sob o título de Santa Ana, destinada a receber meninas abandonadas”. A cronista prossegue o seu relato com a apresentação das autoridades que acolheram as três irmãs: Gina Magagnotti - diretora - Maria Mondino e Carmen Gonzales. Na estação de Cacilhas encontrava-se o Provincial dos Salesianos, Pe. Ermenegildo Carrá que acompanhou as Irmãs até Setúbal e na estação de Setúbal estava o Presidente dos Vicentinos e o Dr. Manuel Carcageira que se ofereceu de imediato a prestar os seus serviços médicos. Da estação dirigiram-se à Câmara Municipal onde as esperava o Presidente, Dr. Miguel Rodrigues Bastos, que “proferiu palavras de grande estima e consideração pela obra salesiana e prometeu dar todo o seu apoio” à obra nascente.

Depois desta receção pelas autoridades locais, as Irmãs entraram na

Casa de Santa Ana. A cronista refere com particular destaque a benfeitora e doadora da casa, D. Maria Ana Gamito, que se encontrava à porta da casa, numa atitude de grande estima e carinho pelas irmãs, a quem confiou os seus bens e a razão desta entrega. De hoje em diante, a sua casa seria berço e lar das meninas mais necessitadas da sua cidade. A Casa de Santa Ana tem honrado a sua missão de bem-fazer aos jovens que por aqui passaram.

Os primeiros tempos foram marcados pela austeridade e pobreza: faltava muita coisa, e talvez alguma que hoje consideráramos

muito importante, no entanto, ao ouvirmos algumas antigas alunas que aqui aprenderam a enfrentar a dureza da vida, havia tudo o que pode gerar a felicidade e o encanto de uma infância e juventude felizes. Reinava um grande espírito de família entre irmãs e meninas. Das três primeiras meninas que deram entrada nesta casa, dias depois da sua abertura, no dia 13 de novembro, uma delas refere que o tempo vivido nesta casa foi o melhor período da sua vida. Tudo o que hoje sabe e vive o deve às irmãs. No fim desse ano já eram 18 meninas e o número continuou sempre a aumentar.

A obra crescia dia a dia e abria as suas portas às crianças do 1.º ciclo com 23 alunos externos, oratório festivo com 200 crianças, pré-escola com 12 crianças e semi-internato com 34 jovens. A catequese foi uma das atividades de maior pujança e vitalidade desde sempre. Logo no primeiro ano, a Crónica regista números significativos de batismos, primeiras comunhões...

Os testemunhos de quem por aqui viveu largos anos, as visitas frequentes anos depois causadas pelas saudades, fazem crer que a experiência calou muito profundamente. “Se hoje sou uma mulher com coragem só tenho que agradecer às irmãs que me educaram a lutar pela vida”; “ter vivido nesta casa foi das coisas melhores que me aconteceram na vida”; “as irmãs ensinaram-me a ser mulher, a crescer, amar e acreditar numa vida nova com a ajuda de Deus que se tornou meu amigo ao longo destes anos”. •

PRÉ-ESCOLA, 1.º CICLO E LAR JOVEM

Uma casa para crianças e jovens



A funcionar desde 1975 como escola mista, a Casa Santa da Ana acolhe atualmente 140 crianças no pré-escolar e 188 no 1.º ciclo de ensino.

A escola tem um Contrato Simples e de Desenvolvimento com o Ministério de Educação. Ali lecionam 14 docentes apoiados por 20 auxiliares. Piano, Dança e Aikido são as atividades extra-curriculares disponíveis. • AC

SOLIDARIEDADE SALESIANA

Ajude-nos a ajudar!



Fundação
SALESIANOS



Sabia que cada contribuinte pode atribuir 0,5% do IRS que pagou ao Estado (sem encargos adicionais) a uma Instituição Particular de Solidariedade Social?

Através da sua declaração de IRS 2013
AJUDE ESTES PROJETOS SOCIAIS

PROJETO SOLSAL

ESCOLAS SÓCIODESPORTIVAS

PROGRAMA D. BOSCO PROJETO VIDA

LARES DE INFÂNCIA E JUVENTUDE

www.fundacao.salesianos.pt
facebook.com/fundacao.salesianos

Praça S. João Bosco, 34 1399-007 Lisboa
Tel.: 210 900 600 | Fax: 210 900 671 | fundacao@salesianos.pt

A Solidariedade Salesiana é uma dimensão muito ativa nas várias comunidades salesianas, procurando centrar na juventude, com maior vulnerabilidade e menores recursos, a presença de Dom Bosco reformulada em ações que envolvem parcerias com outras instituições e a colaboração de educadores formados tecnicamente em diferentes áreas.

Em **Manique, Vendas Novas e Lisboa** é proporcionada, a jovens oriundos de diferentes proveniências, a possibilidade de desenvolvimento biopsicossocial saudável e equilibrado através das atividades do **Projeto SolSal**. Todos os meses, este projeto, para além de apoio alimentar, disponibiliza importantes oportunidades de desenvolvimento pessoal e vocacional, dos jovens e das suas famílias.

Os Lares Salesianos são atualmente três: **Mirandela, Porto e Lar da Paz**, na Madeira. Os rapazes desprotegidos e em risco encontram nestes espaços um ambiente familiar ao estilo de Valdocco, junto dos salesianos e dos seus colaboradores.

Através das três **Escolas Sociodesportivas**, em **Manique, Funchal e Mindelo**, em Cabo Verde, disponibiliza-se aos jovens dessas comunidades uma importante e saudável oportunidade de, através da prática desportiva organizada e em equipa, desenvolver comportamentos e atitudes de inclusão, solidariedade, espírito de equipa e respeito pelo outro. Estas escolas contam com o apoio da Fundação Real Madrid e outros parceiros.

**AJUDE SEM CUSTOS!**

Basta preencher o **Quadro 9 do Anexo H** da sua declaração de impostos com o número de identificação de pessoa coletiva da **Fundação Salesianos: 510 166 822**.

Por fim, através do **Programa D. Bosco Projeto Vida**, promove-se o combate à pobreza, através da ajuda humanitária e do envio de voluntários, em Portugal e nos Países de Língua Oficial Portuguesa junto dos mais vulneráveis.

Com estas atividades preparamos estes jovens para um mundo mais humano e justo...

E saiba que **contamos também consigo**, pois a sua ajuda é importante e fácil. Como? Por exemplo, quando preencher ou pedir a alguém para preencher a sua Declaração de IRS, pode escolher **doar 0,5% dos seus impostos já liquidados** à Fundação Salesianos, bastando para isso indicar o número de pessoa coletiva 510 166 822 (Fundação Salesianos), no quadro 9 do anexo H da referida declaração. **Não paga mais por isso e vai ajudar muito!** • CELSO SEABRA



FLASHBOSCO

“Contigo sou feliz!”

O FlashBosco 2014 reuniu, em Arouca e em Lisboa, 340 participantes do 7.º ao 9.º ano de escolaridade. O encontro, que decorreu nos dias 18 e 19 de janeiro, congregou jovens e adolescentes nas instalações do antigo Colégio Salesiano do Convento de Arouca e nos Salesianos de Lisboa. Oriundos de diversas casas dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, marcaram presença para mais um fim de semana de alegria, convívio e oração. O tema escolhido para o encontro deste ano foi “Ser felizes”, inspirado numa das frases de D. Bosco dirigida aos seus jovens: “Sede felizes agora e na eternidade”. • JOSÉ CERCA E MICHAEL FERNANDES



PRÉ-ADOLESCENTES

Dar cor à vida

Movidos pelo tema “A vida é uma aventura - dá cor à tua vida”, cerca de 250 alunos do 5.º e 6.º de vários centros dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora marcaram presença em mais um Encontro de Pré-Adolescentes do Movimento Juvenil Salesiano. As cidades que acolheram a edição deste ano foram Mirandela (Salesianos de Mirandela) e Faro (Colégio de Nossa Senhora do Alto). O patriarca Abraão e S. João Bosco foram as figuras centrais à volta das quais giraram as atividades deste encontro. Através de dinâmicas em grupo, jogos ao ar livre, momentos de partilha e de oração, os participantes refletiram na aventura que é a vida, animados pela esperança de atingir a terra prometida de felicidade “aqui e na eternidade”. • MICHAEL FERNANDES



ENVIO DE MAQUETES ATÉ 24 DE MARÇO

“Clip D. Bosco” em segunda edição

A Pastoral Juvenil está a promover a segunda edição do festival de cinema jovem salesiano “Clip D. Bosco”, que vai decorrer no dia 25 de abril. Em sintonia com o tema salesiano de 2014 “Ser Felizes - agora e na eternidade”, o tema será “Sementes da Alegria”. •



ENCONTROS COM D. BOSCO

A importância do acompanhamento

Nos dias 19 e 20 de dezembro decorreu, nos Salesianos de Lisboa, o “Encontro com D. Bosco - Especial de Natal”. Nele participaram cerca de 40 rapazes dos salesianos do Estoril, Évora, Manique, Mirandela, Mogofores, Poiares, Porto e Lisboa. Uma oportunidade de encontro, partilha, oração e reflexão para os jovens que têm sido acompanhados pelos salesianos nas comunidades locais em encontros mensais. Abordou-se a necessidade de se deixar acompanhar, refletindo na experiência de Dom Bosco que foi acompanhado pela sua mãe e pelos padres Calosso e Cafasso. Refletimos igualmente sobre os frutos de santidade que surgiram do acompanhamento que Dom Bosco fez aos jovens do Oratório. Estes encontros têm sido uma experiência positiva que, pouco a pouco, vai interpelando os Salesianos para a urgência de estarmos atentos a tantos jovens que vivem o dia a dia nas nossas obras. • PE. JUAN FREITAS

FÁTIMA

Lema para 2014: ir à fonte espiritual de Dom Bosco

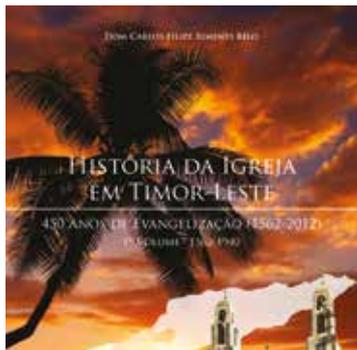
O Salão do Bom Pastor foi pequeno para acolher as cerca de 700 pessoas presentes, no dia 11 de janeiro, na apresentação do Lema do Reitor-Mor para 2014: "Ir à fonte da experiência espiritual de Dom Bosco para caminhar na santidade".

Depois da oração da manhã, o Provincial, padre Artur Pereira, apresentou os conteúdos principais do Lema. Em seguida, a Ir. Maria das Dores Rodrigues, Provincial das Irmãs Salesianas, desenvolveu as linhas mestras da teologia pastoral

que desenham o lema deste ano. A manhã terminou com a Eucaristia na Capelinha das Aparições presidida pelo Pe. Artur Pereira.

À tarde, foi apresentado um "talk-show", idealizado pelo Pe. Rocha Monteiro, sobre os quatro grandes

ambientes salesianos: a escola, apresentada por um professor; a paróquia, por um catequista; o centro juvenil, por uma animadora; e a área social, pelo responsável da Pastoral Juvenil. • PE. JERÓNIMO ROCHA MONTEIRO



PORTO

D. Ximenes Belo publica "História da Igreja em Timor"

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo vai lançar o primeiro volume da "História da Igreja em Timor-Leste: 450 Anos de Evangelização (1562-2012)", que comportará mais três volumes a publicar oportunamente. A apresentação será presidida pelo antigo Presidente da República, Jorge Sampaio, no dia 14 de março às 16 horas, no auditório da Fundação Engenheiro António de Almeida no Porto. A apresentação do livro será feita pelo Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz e Prof. Doutor Luís Filipe Tomaz. •

ÉVORA

Manuel Alcario homenageado: 20 anos ao serviço do basquetebol



A abertura do Torneio de Basquetebol "Natal Solidário", nos Salesianos de Évora, ficou marcada pela homenagem dos Salesianos de Évora ao fundador e mentor do basquetebol na escola, professor Manuel Alcario. O professor Vítor Fialho evocou o seu trabalho em prol dos jovens, o reconhecimento pela criação do projeto e a dedicação de cerca de duas décadas. O Pe. José Jorge entregou em nome da Escola uma placa a assinalar a data. À homenagem associaram-se a Associação de Basquetebol do Alentejo e o Atlético Sport Clube de Reguengos de Monsaraz. • JORGE MALARRANHA

MANIQUE

Alunos visitam Mesquita, Sinagoga e Museu Nacional de Arte Antiga



Os alunos do 9.º ano da Escola de Manique fizeram uma visita de estudo original no final do 1.º período. Acompanhados pelos professores das disciplinas de Educação Moral e Religiosa Católica, de Educação Visual e de História, visitaram a Mesquita Central de Lisboa, a Sinagoga e o Museu Nacional de Arte Antiga. A visita foi também uma forma de assinalar os 65 anos da promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos que determina o direito à liberdade de culto e de religião como um dos direitos humanos fundamentais. • CENTRO EDUCATIVO SALESIANO MANIQUE

MANIQUE

Projeto de Manique escolhido no Orçamento Participativo

O projeto de requalificação da pista de atletismo da Escola Salesiana de Manique, a concurso no orçamento participativo de 2013 da Câmara de Cascais, foi o mais votado pela população. A infra-estrutura é única do género no concelho. O projeto vai ser implementado com os outros seis projetos mais votados. • CMC



FUNCHAL

Alunos da Escola Sociodesportiva do Funchal na inauguração do Museu de Cristiano Ronaldo

O futebolista português Cristiano Ronaldo, do Real Madrid, convidou 27 jovens da Escola Sociodesportiva MAIS Salesianos do Funchal, promovida pelas Missões Salesianas e pela Fundação Real Madrid, para a inauguração do seu museu no Funchal, no dia 15 de dezembro. Ronaldo entreteve-se com os jovens e deu autógrafos, e foi presen-

teado com a t-shirt do projeto da escola e uma carta de agradecimento dos rapazes. Um dia muito especial para estes jovens, não só porque a inauguração era reservada apenas aos convidados do craque vencedor da Bola de Ouro de 2013, família e jornalistas, como puderam ainda tirar uma fotografia com outro convidado especial, Pepe. •

FMA

TV Canção Nova dá a conhecer FMA

O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora em Portugal foi tema de reportagem da TV Canção Nova no Programa "Jardins da Igreja".

O programa foi transmitido em vários horários entre dia 28 e 31 de janeiro. •



ESPIRITUALIDADE SALESIANA

Retiros Quaresmais em Março e Abril

Estão abertas as inscrições para os retiros de preparação da Quaresma para os membros da Família Salesiana. Mais informações podem ser solicitadas ao Secretariado da FS através do telefone 210 900 642 ou do email rui.madeira@salesianos.pt.

MARÇO 2014

- 8, sábado, Manique** (Bicesse, Lisboa)
- 9, domingo, Estoril** (Cascais)
- 15, sábado, Setúbal** (Abrantes)
- 16, domingo, Évora** (Paderne, Faro, Vendas Novas)
- 23, domingo, Porto** (Arcozelo, Viana do Castelo, Areosa, Vila do Conde)
- 30, domingo, Mirandela** (Poiães)

ABRIL 2014

- 6, domingo, Mogofores** (Ponte de Vagos, Paranhos da Beira) •

CASCAIS

Padre Miguel Barros homenageado com rua em Cascais



Por iniciativa da Junta de Freguesia Cascais-Estoril, foi dado o nome do Padre Miguel Barros a um arruamento do Bairro Miral-Golfe, perto do Centro D. Bosco (dos Antigos Alunos Salesianos do Estoril), e na confluência com ruas que têm nomes ligados à Congregação Salesiana: Madre Maria Mazzarello, Laura Vicuña, S. Domingos Sávio...

Após o descerramento da placa, pelas 16.30h de ontem, dia 30, tomou a palavra o presidente do Município, Carlos Carreiras, que foi aluno do Padre Miguel e que evocou a sua personalidade de docente rigoroso e justo e de treinador empenhado. O Provincial dos Salesianos, padre Artur Pereira, agradeceu, em nome da Congregação, a homenagem e salientou que o padre Miguel se caracterizou pela competência, pela frontalidade e pela dedicação. Pedro Mota Soares, Ministro da Solidariedade, também ele antigo aluno do Estoril, recordou o

exemplo do sacerdote e do educador. Por fim, Pedro Morais Soares, que preside à Junta de Freguesia Cascais-Estoril, apoiou-se nas palavras dos oradores antecedentes e manifestou o seu regozijo por ter sido possível prestar esta homenagem naquele local pleno de simbolismo.

Estiveram presentes inúmeras individualidades, em representação das autarquias (nomeadamente o presidente da Junta de Freguesia da Ericeira, terra natal do padre Miguel Barros) e de entidades ligadas à Obra Salesiana, assim como quase uma centena de antigos alunos e admiradores do sacerdote, do pedagogo e de desportista. Cascais é, recorde-se, o «concelho mais salesiano de Portugal», atendendo ao número de escolas salesianas (tanto dos Salesianos como das Filhas de Maria Auxiliadora) e por não haver praticamente uma família que não tenha ou não tenha tido um dos seus membros a estudar numa casa salesiana. O dinamismo demonstrado pelo Centro D. Bosco, gerido pelo núcleo de Antigos Alunos do Estoril, é disso prova evidente.

Foi, desta sorte, homenageado não apenas o reconhecido e mui exigente professor de Desenho da Escola Salesiana do Estoril, mas, de modo especial, o educa-

dor que, fiel ao espírito salesiano, soube, através da prática desportiva, do hóquei em patins concretamente, formar cidadãos ativos e conscientes do seu importante papel na sociedade. A Associação da Juventude Salesiana, que ele fundou, constituiu fértil alfofre de alguns dos maiores vultos nacionais e internacionais desta modalidade.

Ainda que singela na sua estrutura, a cerimónia calou bem fundo no espírito de quantos nela tiveram a dita de participar, sobretudo os que comungamos, desde há muito, com a sábia pedagogia salesiana. Esteve bem vivo e presente o carisma de D. Bosco, esse modo de educar na alegria, sadiamente associando estudo e desporto, não tanto com o objetivo único de obter vitórias e ser campeão, mas, fundamentalmente, de olhar de frente os obstáculos e de, em serenidade, melhor saber vencê-los, através de uma disciplina livremente aceite e generosamente seguida.

Acrescente-se que a data escolhida se revestiu também de particular significado para Cascais em geral e para as escolas salesianas em particular, uma vez que, no dia seguinte, 31, se celebrava a festa de S. João Bosco e no sábado seguinte, 1 de fevereiro, se comemorava o Dia Local do Antigo Aluno Salesiano. • JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



Em junho de 2009, o Pe. Miguel Barros foi homenageado com um jogo de veteranos: Chana, José Virgílio, Piruças, Dinis, Raul Pereira, Artur Agostinho, Filipe Gaidão, Pedro Simões, Carlos Santos, João Paulo, Favinha e Tiago (Bubu)



FUILORO, TIMOR-LESTE

Pavilhão “Don Bosco Jubilee Hall” inaugurado no dia 31 de janeiro



Pe. João Paulino e o vice-Primeiro Ministro Fernando Lasama na inauguração do pavilhão

A Visitadoria São Calisto Caravário, da Indonésia-Timor-Leste, viveu dois importantes eventos no mês de janeiro: o encontro dos salesianos coadjutores, realizado em Lampung, Sumatra, na Indonésia, de 23 a 26; e a inauguração e bênção do grande salão

polivalente, no dia da festa de Dom Bosco, a 31 de janeiro, em Fuiloro, Timor-Leste.

O “Don Bosco Jubilee Hall” é a maior estrutura do género em toda a Visitadoria, e foi financiado pela “Attaché for Civil Society”, da Secretaria do Primeiro Ministro de Timor-Leste, graças à coordenação do diretor da comunidade, Pe. Jose Vattaparambil. A inauguração assinala o bicentenário do nascimento de Dom Bosco, os 65 anos da presença salesiana em Timor-Leste e os 25 anos da Escola Agrícola Salesiana de Fuiloro.

O Pe. João Paulino Aparício Guterres, superior da Visitadoria, presidiu à Eucaristia, concelebrada pelos sacerdotes salesianos da comunidade e pelo pároco diocesano, de Lautem. Por sua vez, o vice-primeiro ministro, Fernando Lasama, congratulou-se com os salesianos pelo seu trabalho e garantiu que o governo de Timor-Leste dará sempre o seu apoio às iniciativas que visam o bem de todos.

Na Indonésia, 12 salesianos coadjutores, sete da Indonésia e cinco de Timor-Leste, reuniram-se na casa de retiros Ngison Nando, (que significa “lugar tranquilo” em javanês), de Lampung, para o seu tradicional encontro bienal.

O tema do encontro foi a “Reflexão sobre a história, a pedagogia e a espiritualidade do Salesiano Leigo, em preparação para o Bicentenário do Nascimento de Dom Bosco”.

Conduziu as reflexões Raymond Calo, membro da Equipa de Formação de Salesianos Coadjutores, da Região Ásia Leste-Oceânia. • ANS



ROMA, ITÁLIA

Voluntários Com Dom Bosco elegem novo conselho

Decorreu entre 28 de dezembro e 5 de janeiro a V Assembleia Geral dos Voluntários Com Dom Bosco. O Reitor-Mor presidiu à Eucaristia de abertura da assembleia que aprovou as mudanças nas Constituições e Regulamentos, e elegeu o novo Conselho. Os Voluntários Com Dom Bosco são 78, 29 com votos perpétuos, 21 temporários, 22 em formação e seis em discernimento. Estão presentes em 25 nações de quatro continentes. • ANS



ROMA, ITÁLIA

Noviços da Europa: uma esperança



Os noviços de Genzano (na foto), no qual está inserido o nosso Fabrício Souza, juntamente com os noviços de Pinerolo, são uma esperança para a revitalização do carisma na Europa. • ANS



ROMA, ITÁLIA

Celebrações do bicentenário do nascimento de Dom Bosco apresentadas à imprensa

No dia 6 de fevereiro, na *Associazione della Stampa Estera in Italia*, em Roma, foi promovida uma conferência de imprensa para divulgar as comemorações dos 200 anos do nascimento de São João Bosco, que se iniciam a 16 de agosto.

Sobre a celebração do bicentenário o Pe. Pascoal Chávez defendeu que não é “um olhar nostálgico para o passado, mas uma oportunidade para renovar o compromisso pelos jovens e acompanhá-los nos desafios de hoje”.

Com a coordenação do diretor de *Rai Giornale Radio* e da *Radio 1*, seguiram-se as intervenções de Madre Yvonne Reungat, superiora geral das Filhas de Maria Auxiliadora, padre Mario Tosso, secretário do Pontifício Conselho da Justiça e da Paz, padre Roberto Gottardo, presidente da Comissão da Diocese de Turim para o Sudário, e dois jovens do MJS, Renato Cursi e Giorgia Intreccialagli.

O Presidente do Senado Italiano, Pietro Grasso, enviou uma mensagem aos presentes na qual su-

blinhou que “Dom Bosco deixou um ensinamento atualíssimo”, e que pode ajudar a viver as diferenças com responsabilidade e solidariedade. O ano bicentenário do nascimento de Dom Bosco decorre entre 16 de agosto de 2014 e 16 agosto 2015. • ANS

TRIÊNIO DE PREPARAÇÃO:

- **HISTÓRIA (2011-2012):** Conhecimento da história, do contexto e da vida de Dom Bosco, para que o invoquemos e imitemos.
- **PEDAGOGIA (2012-2013):** Aprofundar a pedagogia de Dom Bosco, estudando e realizando o Sistema Preventivo atualizado
- **ESPIRITUALIDADE (2013-2014):** Viver a espiritualidade de Dom Bosco, fundamento da fecundidade da sua ação e atualidade.



BANGUI, REPÚBLICA CENTRO AFRICANA

Campanha de vacinação contra o sarampo



Após a confirmação de casos de sarampo nos vários campos de refugiados de Bangui, a ONG Médicos Sem Fronteiras deu início a uma campanha de vacinação para 68.000 crianças, a fim de prevenir uma epidemia. Mais de 25.000 crianças nos campos “Dom Bosco” e “Boy Rabe”, 40.000 crianças no campo de Mpoko e 3.000 nos campos “Saint Michel” e “Saint Elime”, entre os 6 meses e os 15 anos, que representam 40% da população total dos campos. Doença pode ser fatal devido à desnutrição e ao enfraquecimento das defesas imunológicas. • ANS



BAKU, AZERBEIJÃO

Salesianos servem comunidade de 200 católicos



O Prefeito Apostólico do Azerbaijão, e diretor da presença salesiana de Baku, presidiu ao encontro de início das atividades para 2014. A comunidade salesiana de Baku é formada por seis sacerdotes e três salesianos leigos, que realizam o seu ministério para cerca de 200 católicos pertencentes a três grupos linguísticos, assistidos por um voluntário leigo e quatro Religiosas Missionárias da Caridade de Madre Teresa. Em 2013 foram batizados sete adultos, celebrado um matrimónio e reaberto o oratório e a escola de futebol. • ANS



VALDOCCO, ITÁLIA

Peregrinação da Urna de Dom Bosco regressa a Valdocco



Depois da passagem por Capriglio, Morialdo, Chieri, Castelnuovo e Colle, a urna de São João Bosco, - em peregrinação pelo mundo desde 2009, - chegou no dia 30 de janeiro a Turim. As celebrações da festa de Dom Bosco, com vésperas solenes na Catedral de

Turim, foram presididas pelo Arcebispo Metropolitano, Dom Cesare Nosiglia, seguida de uma procissão, com o Reitor-Mor dos Salesianos e os fiéis, até à Basílica de Maria Auxiliadora. No dia 31 de janeiro, às 18.30h, o padre Pascoal Chávez, presidiu à solene Celebração Eucarística na Basílica de Maria Auxiliadora, durante a qual entregou ao Movimento Juvenil Salesiano a tradicional mensagem aos jovens em nome de Dom Bosco.

“Em todos os lugares deparamo-nos com o afeto, a fé, a devoção sincera de todos. Praças e catedrais, cheias de fiéis e de jovens, confirmam a maravilha que é reconhecer em Dom Bosco um pai que zela pelos seus filhos, intercede por eles e lhes indica o caminho de vida feliz, no tempo e na eternidade”, declarou o padre Luca Barone, responsável provincial pela coordenação da peregrinação na Itália. • ANS



LONDRES, INGLATERRA

Vai nascer uma nova escola salesiana em Londres

No início do mês de fevereiro, começou a construção da nova sede da obra salesiana de Battersea, em Londres. O *Saint John Bosco College* é uma escola católica para jovens e adolescentes de 11 a 18 anos, situada no distrito londrino de Wandsworth. Apesar ter sido instalada em sede provisória em setembro de 2011, este facto não impediu que a escola fosse avaliada em março do ano passado pela Secretaria de Padrões para a Educação, Serviços aos Menores e Competências do Reino Unido como uma escola de nível “Bom”, com “uma liderança fora do comum”.

Na cerimónia do lançamento da primeira pedra estiveram presentes o arcebispo metropolitano de Southwark, dom Peter Smith, o Provincial da Grã-Bretanha, padre Martin Coyle, SDB, e o diretor académico da escola, Simon Uttley.

Em setembro a Comissão do Conselho para o Planeamento do Distrito de Wandsworth aprovou o projeto de desenvolvimento da obra salesiana, que terá até ao outono do próximo ano uma nova sede em Surrey Lane e poderá contar com ambientes mais amplos, mais acolhedores e mais adaptados às atuais necessidades dos jovens.

Financiada por voluntários, sempre em relacionamento de confiança com os Salesianos de Dom Bosco e a Arquidiocese de Southwark, a escola ba-



seia-se nos ensinamentos da Igreja Católica e na abordagem educativo-pedagógica de Dom Bosco. As políticas de admissão dão prioridade às crianças das escolas básicas católicas de Wandsworth, mas também acolhem muitos alunos de outras crenças e percursos, e dá especial ênfase ao respeito pelas diversidades e pela dignidade individual.

“Numa época em que as crianças e os jovens são cada vez mais catalogados pela sua capacidade económica - ou pela falta dela -, é ainda mais importante o facto de colocarmos a sua humanidade e dignidade acima e no centro de tudo”, afirmou o Diretor da obra. • ANS

Futuros

Como disse o poeta «o melhor do mundo são as crianças».

Depressa chega a primavera

Os dias já são maiores, mais luminosos e depressa chega a primavera. Depois da escola, aos fins-de-semana, volta a alegria de ver e ouvir as nossas crianças a passear e brincar, aproveitando os raios de sol mais quentes. Atrás delas os pais, os avós, voluntariamente rendidos aos caprichos dos seus bens mais preciosos.

As crianças justamente adquiriram um papel central nas sociedades contemporâneas, reconhecimento de que a sua existência e educação se refletirá num futuro sustentável e em sociedades mais evoluídas.

Infelizmente são cada vez em menor número, pelo conjunto de fatores que se conhece. Esta tendência deve seriamente preocupar-nos, levar-nos a parar para refletir e agir. Agir em termos coletivos com políticas de natalidade ajustadas. Agir principalmente para valorizar a vida como o dom maior que Deus nos concede, com que nos abençoa, mas também do qual nos encarrega.

Criar condições às famílias no seio das quais as crianças nasçam, cresçam e se desenvolvam em harmonia, aos jovens para que consigam a concretização dos seus projetos, é um desafio coletivo perante o qual cada protagonista não pode mais alhear-se nem deixar de se comprometer.

Depressa chega a primavera. Tempo em que a natureza se renova e nos dá exemplo de que vale sempre a pena recomeçar. •

ANTÓNIO
SANTOS
JOAQUIM
PRESIDENTE
AAA ESTORIL
ARQUITETO



A Fechar

A família é uma vocação santa. Cada mesa em cada casa é um altar.

Caras & Corações

Diz-se que a vocação à família é santa como a do sacerdócio, como a de uma monja de clausura. Porque o amor é uma só coisa com o mistério de Deus. A mesa é o altar da casa. Cada mesa em cada casa é um altar. Recolhe rostos, lágrimas, projetos, sorrisos, abraços, pão, palavra, perdão; primeiro altar onde se celebra o sacramento do viver, onde a vida celebrou a sua festa. Deus tem casa. Bate à porta da minha vida com o rosto das pessoas que vivem comigo, à volta da minha mesa, em redor do meu altar. E é à volta dessa mesa que muito da vida acontece. Ali se ama, se aprende, se cresce, ali a palavra circula. Quem ama realiza ações verdadeiras. Os filhos obrigam os pais a ser profundos e a pensar de novo. Um pai que faz crescer um filho, também por sua vez cresce. Grande coisa é o diálogo entre pais e filhos, entre mãe e filho, entre pai e filha, perante todo o mutismo que ameaça as nossas casas, perante o vazio de palavras, que esfria e gela as relações. Porque as coisas são difíceis, não falando delas, tornam-se ainda mais difíceis. E há um gesto cada vez mais raro na família que há de aprender-se de novo: fazer as coisas *em conjunto*. Assim, é sentir-se em casa. Isto e muito mais que se dissesse sobre a família não é teoria educativa. É a vida que se desdobra em caras e corações. •

SIMÃO CRUZ
DIRETOR
DAS OFICINAS
DE SÃO JOSÉ
DE LISBOA



Aprender a amar

“Aprender a amar, é a finalidade da vida consagrada, que não é senão *um caminho que começa no amor e conduz ao amor*”.

PE. PASCOAL CHÁVEZ, LEMA 2014

Dom Bosco precisa de continuadores para que a sua obra perdure no tempo, para o bem da juventude. Se conhece algum jovem que procure um ideal de vida segundo o projeto de Dom Bosco lance-lhe o desafio. Quem sabe se esta aventura vai dar pleno sentido à sua vida?

Para saber mais contacte os responsáveis da pastoral dos Salesianos de Dom Bosco e das Filhas de Maria Auxiliadora: Pe. José Anibal Mendonça, anibal@salesianos.pt; e Ir. Alzira Sousa, alzirasousa.fma@gmail.com.





Fundação
SALESIANOS



Através da sua declaração de IRS 2013 **AJUDE ESTES PROJETOS SOCIAIS**



**PROJETO
SOLSAL**



**ESCOLAS
SÓCIODESPORTIVAS**



**PROGRAMA D. BOSCO
PROJETO VIDA**



**LARES DE INFÂNCIA
E JUVENTUDE**

www.fundacao.salesianos.pt
facebook.com/fundacao.salesianos

Basta preencher o Quadro 9 do Anexo H da sua declaração de impostos

3		CONSIGNAÇÃO DE 6,5% DO IMPOSTO LIQUIDADO (LEI N.º 147/2001 DE 23 DE JUNHO)	
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS DO IRS CONSIGNADO		NIPC	
Instituições Religiosas (art. 32.º n.º 4)	<input type="checkbox"/>	001	510166822
Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Coletivas de Utilidade Pública (art. 32.º n.º 6)	<input checked="" type="checkbox"/>		